

CONEXÃO SAFRA

ANO 11 | EDIÇÃO 50 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA MARÇO 2022

(IN)SEGURANÇA
NO CAMPO

SUBSTITUIÇÃO DE ÁREAS
DE PASTO E EUCALIPTO
POR ARÁBICA COLOCAM
IÚNA NO topo do
RANKING ESTADUAL

TECNOLOGIA APlicada
AO AGRO BRASIL AFORA

O solo fértil dos donos da terra

AGRICULTORES FAMILIARES ASSENTADOS DO MOVIMENTO
SEM TERRA NARRAM SUAS TRAJETÓRIAS INSPIRADORAS

A força DO NOSSO LEITE VEM DA valorização DA NOSSA TERRA

Nosso município valoriza a agricultura através de programas sustentáveis, que geram emprego e renda para centenas de famílias. Produtores rurais recebem ração farelada, além de equipamentos para o trato do solo e plantio. O cuidado percorre todo o ciclo da cadeia produtiva, desde a limpeza de córregos e bebedouros para animais até a manutenção de estradas que levam nosso leite para comercialização. Uma iniciativa municipal que vem dando resultados.

Hoje, aos 58 anos, Presidente Kennedy alcança a marca de maior bacia leiteira do sul do Espírito Santo. Tudo isso porque sabemos a força do nosso campo. Das mãos de famílias rurais para as mesas das famílias capixabas.



PRESIDENTE
KENNEDY
PREFEITURA



Presidente Kennedy:
a maior
bacia leiteira do sul
do Espírito Santo



presidentekennedy.es.gov.br



SEM TERRA: A VOCAÇÃO
DO SOLO É ALIMENTAR

08

38

É PANC! O PASSADO
PODE TER A CHAVE
DO FUTURO



26
(IN)SEGURANÇA
NO CAMPO

32
PRODUTORES FAZEM
PRIMEIRA COLHEITA
DE SOJA DO ES



34
ESPECIARIA DE LUXO
EM TERRA CAPIXABA



44
TECNOLOGIA APLICADA
AO AGRO BRASIL AFORA

48
SAFRA EM
FOCO

Assistência Técnica e Gerencial

**O SENAR-ES, ATRAVÉS DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL,
AUXILIA OS PRODUTORES RURAIS NA GESTÃO DE SEUS
CUSTOS DE PRODUÇÃO, VISANDO O ALCANCE DE SEUS OBJETIVOS
COM LUCRO E RENTABILIDADE**

- ◆ Gestão e monitoramento da propriedade
- ◆ Aprimoramento dos conhecimentos técnicos e gerenciais
- ◆ Promoção da sucessão familiar
- ◆ Novas alternativas utilizando técnicas sustentáveis
- ◆ Viabilidade do negócio Rural



 @faessenares

 @senarespiritosanto

 Sistema Faes Senar-ES

**Procure o Sindicato Rural de
seu município ou ligue: (27) 3185-9218**



www.senar-es.org.br



Se há dois anos alguém me parasse na rua e me falasse de uma profecia, que entre 2020 e 2022 a humanidade conviveria com uma pandemia de um vírus que mataria milhões de seres humanos com sintomas gripais e que o mundo estaria à beira de uma guerra de proporção mundial, sob o risco de ataques nucleares e biológicos eu, certamente, acharia estar diante de um louco ou de um criativo roteirista de cinema.

O cinema constantemente nos apresenta obras de ficção que acabam se aproximando da realidade em alguns momentos, mas até o filme "Epidemia" virou fichinha diante do que vivemos com a Covid-19. E aí, quando tudo parecia estar voltando à normalidade, explode a guerra na Ucrânia. Um fato inacreditável, inaceitável, absurdo.

E, num mundo globalizado, todo o planeta sente os efeitos do conflito imediatamente. Desde a escassez geral de insumos, como os fertilizantes, para a produção agrícola, o aumento do preço dos alimentos e dos combustíveis para o consumidor final, aos entraves logísticos, pela alteração no fluxo de portos e escassez de commodities no mercado internacional, tudo reflete em nós.

Num recente e lúcido artigo do professor Mohamed A. El-Erian, presidente do Queens'College, da Universidade de Cambridge e professor da Wharton School da Universidade da Pensilvânia, ele relata que, "embora a Rússia não esteja enfrentando sofrimento humano em larga escala ou destruição física como a Ucrânia, sua economia deverá também se contrair em cerca de um terço, devido à severidade sem precedentes das sanções sob as quais se encontra agora". Mesmo que a guerra terminasse amanhã, levariam anos para que essas economias se recuperassem. E, quanto mais a guerra continuar, maiores serão os danos, maior será o potencial para viciosas interações e ciclos adversos e mais profundas serão as consequências.

Mas as consequências econômicas da guerra não se limitarão aos países que a combatem. O Ocidente já começou a sentir a reação "estagflacionária". As pressões inflacionárias existentes serão agravadas pelo aumento dos preços das commodities, incluindo energia e trigo. Enquanto isso, começou outra rodada de interrupções na cadeia de suprimentos e os custos de transporte estão aumentando novamente. Rotas comerciais interrompidas provavelmente atrasarão ainda mais o crescimento.

Cabe a nós, neste período, orar e rezar para que essa guerra acabe e vidas sejam poupadadas. Meditar e pensar positivo para que as autoridades envolvidas no confronto optem pela paz.

E nós, por aqui, apresentamos a você a edição impressa de número 50 da Conexão Safra. Uma das edições mais especiais já publicadas, com apurações profundas sobre insegurança no campo e agricultura familiar, produzidos com o empenho e o talento ímpar da nossa equipe.

Agradeço, de coração, aos jornalistas Fernanda Zandonadi, Leandro Fidelis e Rosi Ronquetti e ao nosso diretor de arte, Luan Ola, pelo brilhantismo do trabalho de todos. E a você, que nos lê e nos segue pelo nosso site conexaoafra.com e pelas nossas redes sociais no Facebook e no Instagram.

Até a próxima. Boa leitura.

Por um mundo de paz!

Kátia Quedevez

Jornalista Responsável
Comercial
MTb 18569 RJ

Luan Ola

Projeto Gráfico / Diagramação

Fernanda Zandonadi

Leandro Fidelis
Rosimeri Ronquetti
Colaboradores da edição

Foto Capa

Claudio Costa

Circulação

Nacional

Edição 50

MARÇO 2022

Representante Brasília

LINKY REPRESENTAÇÕES
(61) 3202 4710 / 98289 1188
linda@linky.com.br

Assessoria Jurídica

Bastos e Marques Advocacia

A revista Conexão Safra

é uma publicação da
CONTEXTO CONSULTORIA
E PROJETOS EIRELI-ME
CNPJ: 06.351.932/0001-65

Endereço para correspondência

REVISTA CONEXÃO SAFRA
RUA RIO GRANDE DO SUL, 254
PAVIMENTO 2 - CENTRO
- GUACUÍ - ES
CEP: 29.560-000

Anuncie

28 99976 1113
jornalismo@conexaoafra.com
comercial@conexaoafra.com

**ESSE PARADOXO, DA LUTA PELAS VACINAS E PELA VIDA E ESSA LUTA INSANA,
PELA MORTE, LIDERADA POR PUTIN, É DE ENLOUQUECER.**

**CONEXÃO
SAFRA**

HÁ 50 ANOS, NOS ESPECIALIZAMOS EM INOVAR NO CAMPO.

Nestes 50 anos, evoluímos juntos por uma agricultura mais produtiva e sustentável ao lado do produtor rural. Nos tornamos líder nacional no mercado de inoculantes e estamos entre os maiores players em nutrição vegetal e controle biológico. A cada safra, integramos conhecimento, experiências e o que existe de melhor em cada solução Vittia para promover a evolução da agricultura no Brasil e no mundo.



ACESSE NOSSO SITE



VITTIA.COM.BR

VITTIA
GRUPO



[oi] DIVULGAÇÃO

Ainda neste semestre, o centro de Vitória vai ganhar o 13º Armazém do Campo do país e o primeiro do ES. No imóvel, cedido em regime de comodato por um simpatizante, os moradores da Capital vão encontrar produtos dos assentamentos capixabas e outros ligados ao MST do Brasil, além de alimentos orgânicos, suco de uva e cachaça. Localizada na rua Dionísio Rozendo, a estrutura também vai comportar biblioteca e salas para reuniões e apresentações. A data de inauguração da ainda não foi divulgada.

O solo fértil dos donos da terra

LEANDRO FIDELIS
 _safras@gmail.com

Joselma Maria Pereira se apaixonou pela agricultura vendo o sogro extrair comida da terra. Todos os dias, o camponês colhia aipim, abóbora, cana, maxixe, quiabo e milho na lavoura branca da família. Alguns alimentos nem faziam parte da dieta da pernambucana, que viveu na cidade até 1996, ano em que se mudou para a zona rural do Espírito Santo.

O aprendizado com o pai do marido se tornou a principal atividade de Joselma. No Assentamento Vale da Esperança, vinculado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em Santa Teresa, na região Centro-Serrana, ela, o marido e os filhos produzem café conilon, pimenta-do-reino, além de verduras e legumes para programas de alimentação escolar. “Eu me apaixonei pela agricultura e desejava um pedaço de terra. Junto com essa conquista, brigamos por outras, como moradia digna. Para quem já morou em barraco de lona, nossa casa de alvenaria é um palácio”, diz Joselma.

Mais ao norte, encontramos Merces Gomes Pereira,

AGRICULTORES FAMILIARES ASSENTADOS DO MOVIMENTO SEM TERRA NARRAM SUAS TRAJETÓRIAS INSPIRADORAS



“PARA NÓS, NÃO É SOMENTE A CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO, É TRAZER PARA A VISIBILIDADE SOCIAL A QUESTÃO DA REFORMA AGRÁRIA. SOMOS UM GRUPO DE GENTE QUE VÊ DE FORMA CONSCIENTE A NECESSIDADE DE DESCONCENTRAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DA TERRA, CONSTRUINDO POR MEIO DESSE TERRITÓRIO A COLETIVIDADE COM GARANTIAS DE CONDIÇÕES DIGNAS PARA SE VIVER. O CAMPO TEM ESSA POSSIBILIDADE”.

JOSELMA MARIA PEREIRA - CAMPONESA ASSENTADA E MILITANTE DO MST



AO TODO SÃO
63 ASSENTAMENTOS



VINCULADOS AO INCRA
42 ASSENTAMENTOS



VINCULADOS À SEAG
21 ASSENTAMENTOS



8 ACAMPAMENTOS



CONJUNTOS DE UNIDADES
AGRÍCOLAS ESTÃO LOCALIZADOS EM
31 MUNICÍPIOS



DISTRIBUÍDOS EM CERCA DE
45,9 MIL HECTARES

no Assentamento Nova Vitória (Pinheiros), criado pela Secretaria de Estado da Agricultura (Seag) em 1986. A agricultora, que vende seus produtos na feira, todo sábado, já formou uma filha em Medicina e é bastante atuante no grupo de 32 famílias. Situado na localidade de Cremasco, o assentamento começou a partir das mobilizações do Movimento Sem Terra (MST) por educação, crédito, entre outros, e contou com o apoio da Igreja Católica.

A história das agricultoras são exemplos de superação de pessoas sem direito à herança e não proprietárias de imóveis beneficiadas pela reforma agrária no Espírito Santo. Joselma e Merces estão entre os mais de 20 mil camponeses assentados pelos governos estadual e federal no território capixaba. Segundo a superintendência estadual do Incra, só de beneficiários do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA) são 4.000 famílias abrigadas de Norte a Sul. Além de garantirem o próprio sustento, esses agricultores familiares são responsáveis pela produção de toneladas de alimentos que chegam às mesas dos capixabas, muitos doados às famílias carentes da Grande Vitória no período da pandemia.

A luta dos movimentos sociais e os conflitos decorrentes da disputa e ocupação de terras resultaram na criação, pelo governo

federal, em 1986, dos primeiros assentamentos do Estado: o Pontal do Judiá (Conceição da Barra) e o Georgina (São Mateus). Ao todo são 63 assentamentos, sendo 42 vinculados ao Incra e 21, à Seag, além de oito acampamentos. Esses conjuntos de unidades agrícolas estão localizados em 31 municípios e distribuídos em cerca de 45,9 mil hectares, o equivalente a 1,5% da área onde estão os estabelecimentos agropecuários no Espírito Santo.

Além disso, existem outros modelos de ocupação não assistidos por uma organização social específica, com terras adquiridas por meio do crédito fundiário e, na maioria das vezes, acompanhados pelos sindicatos dos trabalhadores na agricultura dos municípios.

De acordo com membros da direção estadual do MST, os últimos assentamentos instalados pelo Governo do Estado datam de 1991, enquanto os vinculados ao Incra, há 12 anos. “Vários fatores

interferem na continuidade da luta pela terra, entre eles o avanço do plantio de eucalipto, que elevou o preço dos terrenos, e a falta de vontade política em prol da causa”, destaca Rodrigo Gonçalves, do Acampamento Produtivo Índio Galdino (Aracruz).

O engenheiro agrônomo e superintendente do Incra/ES, Fabrício Fardin, lembra a publicação da portaria nº 1.577, de 29 de setembro de 2021, para criação de um novo assentamento em Nova Venécia. Segundo Fardin, o imóvel foi adquirido por meio de escritura pública de compra e venda por parte do Incra, “sem conflitos, sem invasões, levando paz ao campo. Acredito nessa modalidade de aquisição para acesso à terra como política pública sensata, que não expõe os dois lados interessados a conflitos e processos judiciais, como a desapropriação de terras já proporcionou”.

Em fevereiro deste ano, o Incra propôs um convênio entre a Federação da Agricultura e Pecuária do Espí-

“SOU FILHO DE PEQUENO AGRICULTOR QUE FOI PARA A CIDADE COM DISCURSO DE EDUCAR OS FILHOS. O AGRICULTOR FAMILIAR ASSENTADO TEM QUE TER, SIM, EFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO. POR ISSO, É IMPORTANTE E URGENTE A QUESTÃO DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA, QUE DEVE SER ESPECÍFICA PARA ESSE GRUPO. QUE O AGRICULTOR SEJA O PROTAGONISTA, NÃO O SUBSERVIENTE. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO NO CAMPO TÊM AJUDADO MUITO NESSE SENTIDO DE PRODUÇÃO COM EFICIÊNCIA”.

ANTONIO LOCATELI - COORDENAÇÃO ASSENTAMENTOS INCAPER/GEAF/SEAG

rito Santo (Faes) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-ES), que prevê a distribuição de títulos de propriedade no Estado. “O Espírito Santo tem uma estatística pujante para entrega de título. Via Senar-ES, por exemplo, só conseguimos prestar assistência técnica para produtores que possuem título de propriedade”, destacou o presidente da Faes, Júlio Rocha.

DIVERSIFICAÇÃO

Embora a vocação produtiva do Espírito Santo seja a cafeicultura, nos assentamentos predominam diversas culturas. A depender de fatores socioambientais, como o microclima e o tipo de solo da região onde estão inseridas as áreas de reforma agrária, e a forma de organização dos assentados. Nas 71 áreas, prevalece o cultivo de mandioca para subsistência e comercialização do excedente.

A diversificação fica por conta da pecuária de leite ou de corte, da pimenta-do-reino, cacau, seringueira, feijão e milho. Os produtos são comercializados por venda direta, feiras livres ou entrega para clientes regulares, como agroindústrias, restaurantes ou cooperativas.

Muitas dessas agroindústrias estão situadas nos próprios assentamentos. É o caso do “Recanto do Tião Vaqueiro”, no Georgina, em São Mateus, onde Eliandra Fernandes, a popular “Lia”, e família produzem geleias e licores artesanais. A matéria-prima vem do vasto pomar iniciado pelo pai dela, o conhecido “Tião Vaqueiro”, que dá nome ao empreendimento e morreu há quatro anos.



Por mês, são produzidas de 120 a 130 unidades de geleia de cupuaçu, cupuaçu com tangerina, laranja, pitaya, maracujá, maracujá com manga, com pimenta ou com castanha do pará e as tradicionais de morango e frutas vermelhas – estas não disponíveis no pomar precisam ser compradas fora para a produção do doce.

Antes da pandemia, as vendas eram realizadas nas feiras da reforma agrária em Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, além das feiras dos municípios da região e na campesina da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) em São Mateus. Atualmente, o comércio das geleias e licores acontece por

“A LUTA PELA TERRA VALE A PENA. A PARTIR DO MOMENTO EM QUE A FAMÍLIA TEM ACESSO A ELA E PASSA A PRODUZIR, MELHORA A VIDA DELA E DOS OUTROS. PASSA DIFICULDADE, MAS NÃO FOME. TEM GENTE AINDA QUE NOS VÊ COMO VAGABUNDOS, INVASORES DE TERRA, MAS REFORMA AGRÁRIA É UMA LUTA DE TODOS. DE NÓS, SEM TERRA, E DE QUEM MORA NA CIDADE, POIS É A GARANTIA DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS MAIS SAUDÁVEIS NO CAMPO PARA OS CONSUMIDORES DOS CENTROS URBANOS”.

ELIANDRA FERNANDES, A “LIA” – ASSISTENTE SOCIAL E COORDENADORA NACIONAL DO MST NO ES

meio das redes sociais e de entregas da Cesta da Reforma Agrária, na Grande Vitória, sempre conforme as encomendas e a disponibilidade de Lia e do marido, Adenilson.

_GÊNERO

É porque o casal só se dedica à agroindústria nas horas vagas. Formada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), Lia assumiu a coordenação nacional do MST no Espírito Santo em 2019 e está concluindo licenciatura em Educação no Campo pela Ufes, enquanto Adenilson é professor e atua no Movimento. “Cumprir a tarefa do MST me toma muito tempo. A linha política do Movimento propõe um homem e uma mulher representando cada Estado. A participação das mulheres no espaço político ganhou força a partir de 2005 e deu um salto de qualidade ao MST”, afirma a militante.

E nessa questão de gênero, Eliandra Fernandes é taxativa. Para ela, além de participarem ativamente de todo o processo de organização de acampamentos e assentamentos dos Sem Terra e também na educação das crianças, as mulheres mantêm jornada tripla de trabalho: cuidam dos serviços domésticos, trabalham na roça e ainda fazem “bico” para garantir a manutenção da casa. Por essa razão, Lia questiona o atual perfil feminino na agricultura. “Quem disse que as mulheres querem plantar pimenta e café? Às vezes, elas seguem a vontade do homem de priorizar o que gera

“RETOMAMOS OS INVESTIMENTOS DO PROGRAMA DE CRÉDITOS DE INSTALAÇÃO COMO APOIO INICIAL, ‘FOMENTO MULHER’ E CRÉDITOS DE HABITAÇÃO PARA CONSTRUÇÃO DE RESIDÊNCIAS E PARA REFORMA DE MORADIAS. COM RELAÇÃO À ASSISTÊNCIA TÉCNICA, OS INVESTIMENTOS A SEREM APLICADOS POR MEIO DOS CRÉDITOS DE INSTALAÇÃO SERÃO ACOMPANHADOS POR PROFISSIONAIS, PELOS ACORDOS DE COOPERAÇÃO TÉCNICA FEITOS COM OS MUNICÍPIOS”.

FABRÍCIO FARDIN,
SUPERINTENDENTE DO INCRA/ES



Fardin: retomada de investimentos de programa de créditos para apoiar assentados

mais renda, enquanto o perfil delas é o do cuidado”.

Segundo Lia, as mulheres têm mais noção da produção de quintal: horta, pomar e criações de pequenos portes. “É delas o anseio de ter poço de peixe, lavoura de milho ou feijão e, o melhor, a participação mais ativa como ‘guardiãs das sementes’, pois estão mais sintonizadas com agroecologia, meio ambiente e alimentação mais saudável”, define.

_LEITE

No caso da produção leiteira, os assentados mantêm parceria com laticínios e cooperativas, promovendo um ambiente de negócios diferenciado. Josimar de Souza e Karina Louback

demonstram isso. O casal vive no Assentamento Celestina, em Nova Venécia, e apostou na produção de leite em virtude da experiência do pai dele na atividade.

Para o pecuarista, a parceria com a Coopeavi ajudou muito os produtores locais. “Principalmente em questões como assistência técnica, acompanhamento e melhoria dos índices que medem a qualidade do leite e cessão do resfriador para armazenamento e conservação do produto até ser levado à indústria.” Satisfeito, destaca que fora do assentamento não conseguiria renda similar à que tem hoje com a produção de café, leite e a venda de bezerros e vacas para renovação do rebanho (*Saiba mais sobre o casal de agricultores na página 22).

[o] CLAUDIO COSTA



Apesar da leitura geral, o Incra/ES e a Seag não possuem uma compilação de dados segura sobre a produção agropecuária nos assentamentos. “No entanto, é possível afirmar que nos municípios cuja base de cultivo seja café e pimenta-do-reino, as famílias assentadas contribuem significativamente nas regiões produtoras”, destaca o superintendente do Incra/ES, Fabrício Fardin.

O coordenador de Assentamentos do Governo do Estado (Incaper/Geaf/Seag), Antonio Locateli, afirmou que os dados sobre a produção estão sendo revisados por conta de demandas pontuais, a exemplo da construção de represas. “Sem

“TODO PROCESSO DE OCUPAÇÃO DE TERRAS DEPENDE MUITO DE LEIS E DA CORRELAÇÃO DE FORÇAS QUE ESTEJA ACONTECENDO NA SOCIEDADE. NO BRASIL, SÓ OCORRERAM ALGUMAS POLÍTICAS PARCIAIS DE ASSENTAMENTOS PARA ATENDER CAMPONESES EM CONFLITO DE LATIFUNDIO E, MAJORITARIAMENTE, PARA RESOLVER PROBLEMAS SOCIAIS LOCALIZADOS. AS POLÍTICAS SÃO MUITO FRAGMENTADAS E DESCONTÍNUAS, DIFICULTAM E IMPEDEM O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL, POLÍTICO E AMBIENTAL DAQUELES QUE TIVERAM ACESSO À TERRA”.

ADELSO ROCHA LIMA - MEMBRO DA COORDENAÇÃO ESTADUAL DO MST

reserva de água, é difícil planejar produção agrícola”, diz.

O desenvolvimento do comércio em localidades próximas aos assentamentos é um bom exemplo da

contribuição dessas comunidades. A localidade de Nestor Gomes (São Mateus), popularmente conhecida como “Km 41”, é vizinha de pelo menos seis assentamentos, cujos agricultores movimentam a economia regional.

ACAMPAMENTOS REINVENTAM O USO DA TERRA

A realidade dos agricultores dos oito acampamentos capixabas difere de quem já está assentado. Sem energia elétrica e sem poder planejar a produção de alimentos a longo prazo - uma ordem de despejo pode chegar a qualquer momento e por tudo a perder -, os acampados priorizam o cultivo de culturas perenes e esperam a sonhada reforma agrária definir a posse de terra.

De acordo com a direção estadual do Movimento Sem Terra (MST), 1.000 famílias estão distribuídas nesses acampamentos, todos localizados no Norte do Espírito Santo (Aracruz, Montanha, Conceição da Barra, Nova Venécia e Linhares), sendo 500 só no último município. Os agricultores produzem hortaliças, aipim, banana, feijão, maracujá, abóbora e alguns acampamentos se dedicam ainda ao café conilon, cacau e pimenta-do-reino.

Para se ter ideia do quanto produtivos são os acampamentos, a produção anual de aipim, abóbora, maracujá e banana chega a 800 toneladas. Boa parte dos alimentos é comercializada via atravessadores, nas feiras da agricultura familiar de Aracruz e Linhares ou para associações via Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

“Não temos energia elétrica ou qualquer tipo de assistência e a insegurança jurídica nos impede planejar melhor a produção. Por mais que as famílias produzam, a qualquer momento podemos ser despejados. E não é por falta de diálogo. Sem planejamento, não conseguimos expandir a consciência ambiental entre os acampados para produzir alimentos saudáveis”, afirma Rodrigo Gonçalves, desde 2005 no MST e uma das lideranças do Acampamento Índio Galdino, em Córrego Bom Jesus, distrito de Jacupemba (Aracruz).

Na localidade, os geradores são movidos à combustível e placas de energia solar garantem um mínimo de conforto às famílias.

Somado a isso, a falta de saneamento adequado é o retrato da condição de quem aguarda a aquisição ou desapropriação de terras para se estabelecer e efetivar a produção agrícola.

Um exemplo de resistência é o Acampamento Produtivo João Gomes, na comunidade de Palhal, distrito de Bebedouro (Linhares), localizado em uma área de 415 hectares do Governo do

SEM ENERGIA ELÉTRICA E GARANTIA DE ASSENTAMENTO, ACAMPADOS CAPIXABAS PRIORIZAM CULTURAS PERENES PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



Estado. Segundo Gonçalves, o terreno, que abrigaria uma fábrica de fertilizantes hidrogenados em parceria com a Petrobras, está abandonado há dez anos e é reivindicado pelo MST para fins de reforma agrária desde 2015.

“O acampamento já passou por quatro despejos e a área continua abandonada, só servindo à especulação imobiliária. Por

isso, o maior sentimento é de abandono pelo poder público. O governo estadual atual só reconheceu o conflito por meio de uma portaria, mas nossa pauta é resolver o problema da terra”, diz o militante.

Rodrigo enfatiza a importância dos acampamentos no combate à fome. No ano passado, eles doaram mais de 30 toneladas de alimentos para 500 famílias carentes de Linhares, São

Mateus e Grande Vitória. “Cada uma de nossas famílias tem o dever de contribuir com o combate à fome no país. A reforma agrária cumpre esse papel, e isso pode começar no próprio acampamento”.

Mais do que ocupar e tornar produtiva a terra, os acampados esperam contribuir para a recuperação de nascentes e reconstruir as comunidades através da fé e do resgate da cultura local e dos festejos. Exemplo disso foi a reconstrução recente da igrejinha do Córrego Bom Jesus (*foto acima*).

Cooperativa fundada por assentados é referência nacional

Cooperar é a palavra de ordem nos assentamentos e acampamentos de agricultores familiares na luta pela ocupação da terra. Por serem grupos que buscam construir coletivamente os espaços sociais, eles sabem da necessidade de conviver em harmonia e da cooperação mútua para juntos se desenvolverem.

No Espírito Santo, três cooperativas nasceram no âmbito dessas comunidades na década de 1990, mas não vingaram pela inexperiência dos dirigentes com questões administrativas e financeiras. Ampliar este conhecimento era inevitável para expandir o comércio de café e pimenta-do-reino,



A Coopterra está sediada no Assentamento Vale da Vitória, em São Mateus, no Norte do Espírito Santo

principais culturas no Norte e carros-chefes das empresas.

Por isso, em 7 de setembro de 2012, um grupo de 31 sócios fundou a Coope-



O presidente eleito para os próximos três anos, Akeles Henrique Carolino

rativa de Beneficiamento, Comercialização e Prestação de Serviços dos Agricultores Assentados (Coopterra), com sede no Assentamento Vale da Vitória, em São Mateus. “A Coopterra é uma das que mais crescem no Brasil no contexto do Movimento Sem Terra. Não se fala em café no MST sem falar da Coopterra, nos tornamos referência”, diz um dos sócios-fundadores e presidente da cooperativa até o último dia 5 de março, Joãozinho Santos de Souza.

A formação original com assentados vigorou nos primeiros anos, mas, posteriormente, o estatuto ampliou para participação de pequenos produtores rurais. Hoje, são 181 cooperados,

de Mantenópolis, Pancas, Fundão, Santa Teresa, São José do Calçado e Guaçuí. Juntos, esses agricultores contribuem para a geração de 15 postos de trabalho permanentes e de dez a 12 temporários na safra de café e pimenta. Em 2021, o faturamento foi recorde: R\$ 9 milhões.

O principal negócio da cooperativa é o comércio de café verde ou processado e de pimenta-do-reino. Para este ano, está prevista a venda de

12 mil sacas de café conilon verde, 3.000 mil sacas de café arábica, 140 mil quilos de café torrado e moído, 250 toneladas de pimenta-do-reino, 15 mil litros de fertilizante líquido e 700 sacos de adubo sintético granulado.

O plano comercial inclui também o mercado internacional. Na busca por novos mercados, China, Rússia e Espanha estão entre os potenciais compradores para os próximos anos. “A cooperativa é responsável por 10% da pimenta produzida na região Norte capixaba e está apta para exportar a especiaria e café”, afirma Joãozinho. Além das vendas, a Coopterra vai beneficiar 42 mil sacas de café e 570 mil quilos de pimenta-do-reino maduros e realizar 1.000 horas de serviço de máquinas agrícolas.

HISTÓRIA

A história da Cooperativa de Beneficiamento, Comer-





cialização e Prestação de Serviços dos Agricultores Assentados se confunde com o início das ocupações de terras no Estado, em 1985. A Coopterra fica localizada no km 40 da Rodovia Miguel Cury Carneiro, dentro do Assentamento Vale da Vitória, uma das conquistas do MST naquele ano.

Outra ocupação naquele período foi a da Fazenda Georgina, considerada o marco da reforma agrária no Espírito Santo. Trezentas e cinquenta famílias de vários municípios do Norte do Estado montaram acampamento na propriedade “abandonada, que não produzia nada e fazia extração ilegal de madeira”, lembra Joãozinho de Souza. “As famílias ficaram

um mês e meio acampadas e foram desejadas pela Polícia Militar. Não houve conflito direto, eram mais ameaças”.

A fazenda foi desapropriada pelo Incra em 1986 e assentou 81 famílias, se transformando no Assentamento Georgina. Na mesma época, haviam duas áreas devolutas próximas, que também foram convertidas em assentamentos: Pratinha (17 famílias) e São Vicente (cinco famílias) e outra em Conceição da Barra (Pontal do Jundiá).

As negociações ocorreram junto ao governador Gerson Camata e culminaram, ainda, com a liberação de uma área de experimento da antiga Emcapa (atual Incaper), de 100 alqueires, para assentar 37 famílias. Nascia, assim, o Assentamento Vale da Vitória, onde fica a sede da Coopterra.

“Na luta pela terra, nenhuma família tinha condição de investir na roça. Inicialmente, os agricultores assentados produziam mandioca, banana, feijão, milho, mais para subsistência. Juntamente com o Plano Nacional de Reforma Agrária, criado em 1987 para assentar cinco mil famílias em todo o Brasil, surgiu o Programa Nacional de Crédito da Reforma Agrária, o Procerá, e foi com esse crédito que conseguiram plantar café e pimenta, culturas predominantes na região”, conta Joãozinho.

As famílias produziam bem, mas não tinham como beneficiar o produto, por isso, vendiam café e pimenta in natura. Sem clareza sobre como organizariam a atividade agrícola, em 1990 começou uma discussão sobre cooperativismo. É o que afirma o presidente eleito para os próximos três anos, Akeles Henrique Caroline. “Precisávamos estar unidos também na hora de produzir e vender, dar vazão à produção. Foram feitos vários seminários, criadas quatro associações, mas o grupo percebeu que este formato

não contribuiria para avançar no sentido de beneficiar e comercializar a produção”.

Então, em 1991, foram criadas três cooperativas de assentados: a Cooprava, de São Mateus; uma do Assentamento Pipinuque (Nova Venécia) e outra do Assentamento 13 de Maio (São Gabriel da Palha), com produção de café, mamão e maracujá. Devido ao já mencionado problema com gestão, a Cooprava durou até 2000 e se dissolveu, sendo que os cooperados do Vale da Vitória e da Georgina, num total de 15 pessoas, ficaram com os galpões e secadores de café, recorda Joãozinho.

Em 2006, os agricultores começaram a reativar as estruturas para evitar a terceirização do serviço de secagem, que não era muito confiável na região. Dois anos depois, eles já estavam preparados, mas vendendo separadamente café.

Foi aí que, em 2010, os assentados cafeicultores que tinham bloco de produtor se uniram como grupo de

cooperação informal para a venda conjunta de 300 sacas do grão. “Vimos que nesta venda tivemos ganho real de R\$ 50 a mais por saca na comparação com o valor na região. Isso nos acendeu uma luz de que podíamos melhorar essa questão da comercialização e usamos o antigo galpão da Cooprava para fundar a Coopterra”, conta o ex-presidente.

META É ATENDER TODOS OS ASSENTAMENTOS CAPIXABAS



Sócio fundador e atual vice-presidente, Ailton Nunes dos Santos

A Coopterra conta com associados em vários municípios do Espírito Santo. Com 64% do quadro social formado por pequenos produtores de São Mateus, a cooperativa tem como meta atender todos os assentamentos capixabas nos próximos anos.

“É um processo, uma construção, no qual as pessoas têm que ter vontade política para participar. O papel da cooperativa não é somente o econômico, mas político e social. Este é o desafio”, destaca o sócio fundador e atual vice-presidente, Ailton Nunes dos Santos.

Ailton vê como vantagem a organização social dos assentados no fortalecimento do cooperativismo. “Não existe família assentada sozinha. Está sempre vinculada a um grupo. O pequeno produtor isolado, que não participa de associação ou cooperativa e que não é assentado, tem essa dificuldade. Entre os assentados, a coletividade já vem como característica, o que facilita muito nossa organização interna”.

Prestes a completar dez anos, em setembro,

a Coopterra busca descentralizar a atual estrutura e garantir assistência técnica aos 181 cooperados ainda em 2022. De acordo com o vice-presidente, a primeira experiência acontece no Assentamento Valdício Barbosa (Conceição da Barra), onde a cooperativa investe em armazenagem e secagem de café e pimenta-do-reino, além de treinamentos, por meio de uma parceria entre MST e Fundação Renova.

Outra iniciativa contempla os assentamentos Piranema (Fundão) e Zumbi dos Palmares (São Mateus), estimulando o processo de secagem da pimenta. Para Ailton, o beneficiamento do café e da pimenta ocorrendo em outras estruturas além da sede da Coopterra facilita a logística e a comercialização junto aos compradores.

DIRETORIA COOPTERRA NOS PRÓXIMOS 3 ANOS

Presidente: Akeles Henrique Carolino
Vice-presidente: Ailton Nunes dos Santos
Tesoureiro: Adenicio Moreira da Silva
Vice-tesoureiro: Alda Batista
Secretaria: Edneia Capeletto

LINHA DO TEMPO

1985- Início das ocupações de terra no ES
1986- Criado o Assentamento Georgina

1987- Início dos plantios de café e pimenta no assentamento
1990- Começa discussão sobre cooperativismo
1991- Criação das cooperativas de São Mateus (Cooprava), do Assentamento Pipinuque (Nova Venécia) e do Assentamento 13 de Maio (São Gabriel da Palha)
2000- Cooprava se dissolve
2006- Reativação da infraestrutura das cooperativas
2010- Venda de café conjunta e informal
2012- Fundação da Coopterra por 31 sócios
2013- Coopterra passa a integrar grupo nacional ligado ao MST
2015- Criação da marca própria “Terra de Sabores”
2016 a 2019- Venda por edital para Exércitos do RJ e PR
2021- Faturamento recorde de R\$ 9 milhões
2022- Coopterra completará dez anos em setembro

Oportunidades da nova terra

HÁ MUITO TEMPO, ATIVIDADES "NÃO AGRÍCOLAS" OU DE TURISMO RURAL TÊM SIDO SIGNIFICATIVAS NA GERAÇÃO E COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR DOS AGRICULTORES BENEFICIÁRIOS DE ÁREAS DA REFORMA AGRÁRIA. EXEMPLOS COMO O DOS ASSENTAMENTOS ROSA DE SARON, EM ÁGUILA BRANCA, NA REGIÃO NOROESTE; LUIZ TALIULY NETO, EM GUAÇUÍ; CELESTINA, EM NOVA VENÉCIA; E CÓRREGO DA LAGE, EM MUCURICI COMPROVAM ISSO

_REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
safraes@gmail.com

EQUINOCULTURA GERA RENDA EXTRA EM ÁGUILA BRANCA

Elisa Maciel (21) cursa o 7º período de veteri-

nária e desde os 16 anos é responsável por conduzir o

empreendimento no lote. Com o apoio da irmã Aline, ela realiza um sonho inspirada na paixão por cavalos que herdou do pai. De origem humilde, muito jovem ele ganhou um potro e a partir daí a paixão passou a ser um estilo de vida e ofício.

Atualmente, 17 animais recebem cuidados no sítio – hospedagem, manejos nutricional e sanitário, bem como adestramento –, dos quais cinco são de propriedade da família. O primeiro equino de particulares tratado por eles foi em 2011, três anos após a chegada da família ao assentamento Rosa de Saron. De lá para cá, dezenas de muares (mulas e burros) e cavalos – entre baios, tobianos (malhados), tordilhos, etc –, passaram pela coudelaria tocada pela família.

Pela estrutura que oferece, eventualmente são realizados no local cursos livres, dias de campo e oficinas sobre temas que envolvem o cuidado de equinos e muares. Enquanto Antônio dedica-se a tarefas como a doma de montaria e o ensino de campo, a filha prefere atuar no manejo diário dos animais na alimentação e no tratamento sanitário, em-

pregando teorias que focam a docilidade na condução desses afazeres. Três vezes por semana ela realiza, ainda, trabalho de pista ou redondel para exercitar individualmente os animais e evitar o estresse do confinamento nas baias.

“É uma coisa que a gente não sabe explicar. Antes era uma atividade que eu e meu pai fazíamos juntos. O trato com os animais é uma coisa fantástica, pelo carinho que eles demonstram a você. É bonito de se ver”, declara Elisa. E perguntada sobre o futuro, ela afirma que não tem intenção de sair, pelo

contrário, pretende abrir uma clínica e um centro de reprodução de equinos na propriedade: “Quando profissional formada, quero me especializar em reprodução de equinos e também clinicar na área de identificação e tratamento de problemas comportamentais dos equinos”.

Na casa da família Maciel as mulheres têm participação efetiva nas atividades produtivas do lote e se envolvem também em projetos sociais de interesse da comunidade local e de famílias carentes do município.

Elisa divide seu tempo entre os estudos nas faculdades de administração e de medicina veterinária com o cuidado dos animais



SUINOCULTOR ALCANÇA BONS RESULTADOS EM GUAÇUÍ

O agricultor José Luiz Pedrote, do assentamento Luiz Taliuly Neto, em Guaçuí, no Sul do Espírito Santo, produz em seu lote leitões que comercializa na região. A criação da área de reforma agrária, em 1998, coincide com a homologação do beneficiário no Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA). No início do assentamento, ele contava com apenas uma porca parida e, hoje, tem quase 60 animais na pocalga. De lá para cá, conforme as vendas foram sendo ampliadas, conseguiu elevar o número de matrizes e expandir também a quantidade de leitões comercializados.

Além dos porcos, no lote, Pedrote produz ainda milho e feijão para consumo próprio e trato dos animais, criando ainda galinhas (algumas d'angola) destinadas ao consumo da família e à venda de ovos (excedente). Em 2020, de oito matrizes – cada uma, em média, com duas gestações anuais e dez filhotes por cria – nasceram aproximadamente 150 leitões. Sendo comercializados unitariamente, ao preço médio de R\$ 150, agregou-se cerca de R\$ 22,5 mil à renda familiar. Em 2021, considerando a média de dez matrizes em gestação, foram 160 leitões e uma renda anual superior a R\$ 24 mil.

Para alcançar a situação atual, além de muito empenho, o assentado – que

trabalha com suinocultura desde os 13 anos de idade – contou com os créditos destinados pelo governo federal à agricultura familiar em áreas da reforma agrária. Em 1998, ele recebeu recursos do Crédito Instalação, na modalidade Apoio Inicial, e habitacional, para a construção de sua residência.

No ano seguinte, foram repassados recursos referentes ao Procera, modalidade Custeio, além do Pronaf para execução

de projetos de desenvolvimento produtivo. Em 2007, foram destinados ao agricultor familiar recursos do Reforma Habitacional. “Estou satisfeito demais com a minha propriedade. Gosto porque me acostumei por aqui, o lote tem muita água e isso é essencial para quem lida com animais”, diz.

“Esse é um exemplo típico de recompensa ao esforço dos agricultores familiares que cumprem o seu papel de beneficiários da reforma agrária ao buscarem o constante desenvolvimento de seus lotes”, considera o superintendente regional do Incra/ES, Fabricio Fardin.

Assentado em Guaçuí (ES), o trabalhador rural cria quase 60 animais no seu lote.

[o] INCRA/ES



MODERNIZAÇÃO DE AGROINDÚSTRIA

A associação das famílias do assentamento Nova Esperança (Aracruz), criado em 1995, reativou e modernizou a agroindústria de farinha, com aporte financeiro da Suzano S.A. e da Fundação Banco do Brasil. A área destinada ao empreendimento foi cedida pelo Incra no Espírito Santo. Já a qualificação das mulheres selecionadas ao trabalho na agroindústria está sendo conduzida pelo Sebrae/ES.

Segundo o presidente da Associação dos Produtores e Moradores do Assentamento Nova Esperança (Aspromane), Juscelino Ferreira, o projeto tornou-se viável pela junção de esforços. Entes públicos, privados e a comunidade se uniram para que a agroindústria volte a funcionar e seja mais uma fonte de renda local.

“Inicialmente, o grupo de trabalho será formado por cerca de dez mulheres do assentamento e aproximadamente 25 das 50 famílias beneficiárias de lotes devem entregar matéria-prima”, diz Ferreira. Ele acredita que quando a farinheira estiver em funcionamento, haverá demanda e os assentados voltarão a cultivar a mandioca a fim de negociar com a agroindústria, gerando emprego e renda internamente.

Agroindústria de farinha do assentamento Nova Esperança será reativada após modernização



[o] INCRA/ES

TECNOLOGIA TRAZ NOVOS CONTORNOS À PRODUÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA

A modernização dos lotes e a sucessão familiar são uma nova realidade propiciada pelo uso das tecnologias disponíveis. Josimar de Souza e Karina Louback demonstram isso. O casal vive no assen-

tamento Celestina, em Nova Venécia, e apostou na produção de leite em virtude da experiência do pai dele na atividade.

Assentado no final de 2008 e regularizado no ano seguinte, Josimar abandonou o trabalho na mineração para tocar o lote com o pai e

se especializar no segmento. O propósito foi qualificar o rebanho, tecnificar a produção (ordenha) e potencializar os lucros da parcela em razão da força de trabalho familiar.

Em 2009, o agricultor iniciou a construção do curral e formou dois hectares de pasto para abrigar os primeiros animais até chegar ao atual plantel de 14 vacas em lactação. Pensando em obter uma renda anual que desse fôlego para a atividade leiteira crescer, no mesmo ano acessou um financiamento. Com os R\$ 18 mil recebidos por meio do Pronaf A plantou 12 mil pés de café em sistema irrigado.

Com exceção de 2016, quando colheu apenas 40 sacas do produto pilado por conta de uma crise hídrica na região, nos últimos anos os resultados

ficaram acima da média local (40 sacas por hectare). Em 2019, foram 320 sacas. No ano seguinte, 220 sacas. E, em 2021, os atuais 11 mil pés produziram 150 sacas de café pilado (cerca de R\$ 75 mil).

CONQUISTAS

De 2008 para cá, a família Souza alcançou conquistas importantes. Habitam uma casa ampla e confortável, próximo ao local de ordenha, construída em 2012 e reformada em 2018, com recursos próprios. Na agrovila do assentamento, também ergueram uma casa para os pais dele, mais uma vez, com recursos próprios. A moradia se soma à casa antiga (reformada em 2008 com dinheiro do Crédito Instalação, do Incra), que atualmente serve de hospedagem a visitantes.

Em relação à principal atividade econômica da família o progresso tem sido visível. Adquiriram uma ordenhadeira mecânica em 2015, e fizeram novo curral no ano passado, ambos com recursos próprios.

Entre 2013 e 2015, o produtor obteve 70 doses junto ao programa e viu nascer 22 crias. Um projeto de transferência de embriões, desenvolvido pelo Sebrae/ES e o laticínio parceiro, rendeu a ele mais animais no plantel. Em 2020, por meio do Crédito Instalação, na modalidade Fomento Mulher, a esposa, Karina, comprou uma vaca de boa qualidade para agregar mais valor ao rebanho.

A vocação do casal para os negócios se confirmou no 30º Concurso Leiteiro de Nova Venécia, em 2019. Uma de suas vacas foi eleita campeã e os dois receberam de prêmio uma novilha.

Para 2022, os planos são renovar a cultura do café. Também investirão no plantio de 200 pés de pimenta e de um hectare de milho para alimentar as vacas, somando-se ao meio hectare de cana já existente, utilizada na silagem.

Ordenha mecânica otimizou a produção de leite na parcela da família Souza

[o] INCRA/ES



DIFERENTES ARRANJOS FAMILIARES IMPULSIONAM PROCESSOS PRODUTIVOS

Seguindo a tradição do pai, os irmãos Thiago e Filipe Soares da Cunha criam gado de leite no assentamento Córrego da Lage, em Mucurici, no Extremo Norte Capixaba. Em 2008, o patriarca concretizou junto ao Incra a sucessão familiar ao ceder os direitos aos filhos em virtude de problemas de saúde.

O atual plantel da família Cunha é formado por 35 vacas (19 delas em lactação) e 70 bezerros em estágio de recria. A expectativa para 2022 é de entregar nova remessa ao frigorífico, com pelo menos 60 bois, e

renda estimada de R\$ 324 mil. Das fêmeas em produção, a média diária individual é de 22 litros. No mês de junho deste ano, por exemplo, os produtores entregaram ao laticínio 6,3 mil litros, recebendo R\$ 14,7 mil.

No auge da produção, os assentados esperam alcançar a marca de 500 litros/dia. Em razão dos índices de qualidade alcançados na

propriedade, conseguem valor melhor pelo produto.

O projeto de futuro dos irmãos é o de promover novas melhorias na estrutura do lote. A meta é facilitar ainda mais o trabalho e propiciar bem-estar animal, como a ampliação da ordenha e a autossuficiência na produção de alimentos ao rebanho (forragem).

*Com informações do Incra

[o] INCRA/ES



Qualidade da produção leiteira do rebanho da família Cunha é destaque no assentamento Córrego da Lage, em Mucurici (ES)

[o] INCRA/ES



A família de Weverton utiliza os recursos naturais na perspectiva de uma produção mais consciente

LOTES ORGANIZADOS A PARTIR DA LIBERAÇÃO DE CRÉDITOS

Agricultores assentados em Ecoporanga, no Norte, têm aplicado bem as modalidades do Crédito Instalação na organização de suas atividades sociais e econômicas melhorando a qualidade de vida local. A família de Weverton Pereira Filho, residente no assentamento Lírio dos Vales, por exemplo,

usou o crédito para implantar gradualmente no lote um sistema orgânico de produção, com uma pegada mais sustentável. Já a de Reginaldo dos Santos escolheu criar vacas leiteiras e porcos de maneira convencional.

O lote de Weverton tem de tudo um pouco: horta, pomar e criação de porcos, vacas e galinhas. Além da amizade entre esses vizinhos e a coincidência de terem sido assentados em 2014, eles têm em comum a vontade de fazer a diferença por acreditarem na mudança de vida que a reforma agrária pode proporcionar a suas famílias.

“MUITAS PESSOAS NÃO CONHECEM OU ACEITAM A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA POR FALTA DE INFORMAÇÃO. NA HISTÓRIA DO NOSSO PAÍS, SEMPRE OS MAIS FRACOS FORAM PERSEGUIDOS E MARGINALIZADOS. VEJO QUE AS POLÍTICAS PÚBLICAS DA ESQUERDA TÊM DISTRIBUÍDO UM POUCO MAIS DE OPORTUNIDADES ENTRE PESSOAS QUE NÃO AS TINHAM”.
JOSÉ ODÔNIO CARDOSO DE SÁ NETO - COORDENADOR DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT)

(In)segurança no campo

_ FERNANDA ZANDONADI E ROSIMERI RONQUETTI
 safraes@gmail.com

“Tive duas propriedades invadidas. No ano passado, em quatro meses, fizeram vários furtos. Em cada um, iam levando de duas em duas vacas, três em três. Abriam a porteira, o gado saía e eles colocavam em um caminhão e iam embora. Foram 25 cabeças perdidas nesse tempo. Em janeiro deste ano, invadiram o confinamento (local onde o gado é alimentado e os insumos e instrumentos da fazenda, guardados) e levaram motosserra, ração. Meu prejuízo foi de mais de R\$ 200 mil”. O relato é de um pecuarista de Jerônimo Monteiro, no Sul do Espírito Santo, que preferiu não se identificar, mas concordou em relatar a insegurança que vive diariamente em suas propriedades.

“O meu pessoal já está com medo de trabalhar no confinamento, daí sempre ficam duas ou três pessoas por lá. O que a gente sabe é que chegam uns oito homens e fazem o serviço. Levam embora o que tem de valor. Ninguém quer pagar para ver do que eles são capazes. E não tem horário para roubar não, é qualquer hora do dia ou da

noite. Se não prender um ou dois desses ladrões para dar exemplo, vai piorar cada dia mais”, avalia.

O caso do pecuarista de Jerônimo Monteiro é apenas um exemplo dos tantos crimes que têm assustado os moradores do interior do Estado. E não se limitam ao gado ou aos limites das propriedades. Em setembro de 2021, uma carga de café avaliada em R\$ 470 mil foi roubada por criminosos armados em São Mateus, no Norte capixaba. Um casal, que fazia o transporte da carga, foi rendido por cinco homens que estavam em um carro. Os assaltantes levaram 720 sacas de grãos.

As forças de segurança fazem o que podem, mas não é o bastante. “Registrei a queixa na delegacia. Foi gente na propriedade para olhar. Deram assistência. Mas pegar os bandidos, não pegaram”, conta o pecuarista de Jerônimo Monteiro.

A falta de estatística sobre esses crimes que abalam os homens do campo é a primeira barreira para, efetivamente, dar mais segurança àqueles que põem comida nas nossas mesas. “Nunca conseguimos um levantamento. Como podemos dizer se há subnotificação se não

temos esse número? Precisamos de uma base de dados de crimes rurais. Hoje, não existe uma aba, uma planilha, que filtre essas ações de bandidos nas propriedades”, explica o presidente do Sindicato Rural de Cachoeiro de Itapemirim, Wesley Mendes.

O presidente da Associação Agricultura Forte, João Bayer, afirma que, nos anos anteriores, não era tão comum a ocorrência de roubos e furtos fora do período da colheita de café, o que atualmente é frequente. Para ele, o sistema de segurança é frágil, falta efetivo policial, entre outras situações que atrapalham o patrulhamento rural.

“Os produtores rurais são vítimas de um sistema de segurança frágil que os faz sofrerem nas mãos de quadrilhas especializadas. Casos como roubos de implementos agrícolas, maquinários, veículos, insumos e invasão de residências, latrocínios, assaltos, sequestros, tráfico de armas e drogas, entre outros, têm sido noticiado diariamente, principalmente em alguns dos municípios da região Norte. Falta policiamento e uma organização tática no monitoramento da segurança rural. A demora da chegada das viaturas quando acionadas, a dificuldade de comunicação, a falta de conhecimento de estradas e rotas dos policiais e de comunicação entre as polícias Civil e Militar prejudica ainda mais a eficiência do patrulhamento rural”, pontua Bayer.

BANCO DE DADOS ORGANIZADO E ATUALIZADO

As estatísticas são o primeiro passo para mapear os crimes e entender como os criminosos agem. Uma das soluções apre-

sentadas pelo Comitê de Segurança Rural, grupo capitaneado por iniciativa da Federação da Agricultura do Estado do Espírito Santo (Faes) que une representantes de órgãos do Governo do Estado e da sociedade civil. “O trabalho é grande e longo, mas tivemos o sinal verde do governador (Renato Casagrande) para trabalhar e combater os crimes rurais. Na reunião com o governador, vimos boa vontade política. Ele está empenhado, nos ouviu e sabe exatamente o que acontece no trabalho de combate ao crime rural”, continua Wesley, ao citar o documento entregue a Casagrande e os principais eixos de trabalho.

Mas, de nada adianta um banco de dados não alimentado corretamente. Afinal, nem todos os produtores fazem o boletim de ocorrência. Primeiramente, porque as propriedades normalmente são distantes dos centros das cidades e, consequentemente, das delegacias. A solução que poderia estar na tecnologia também apresenta falhas. O boletim on-line, feito pela vítima via internet, só pode ser preenchido e enviado por meio de computador. “Hoje, o computador é o smartphone. E não é possível fazer o boletim de ocorrência por ele. Isso precisa ser solucionado”, aponta o sindicalista.

Para tentar sanar esse problema, que não é exclusividade da região Sul, o Sindicato Rural de Jaguaré, no Norte do Estado, faz, desde 2021, campanha de conscientização junto aos associados para emissão do boletim de ocorrência e também ajuda na confecção do documento. “Os produtores vinham até o sindicato pedir ajuda para resolver a situação dos roubos nas propriedades. Quando chegamos na Polícia Civil, nos diziam não haver registros e que, sem dados, não podiam fazer nada. Daí surgiu a ideia da campanha, de mostrar ao produtor a importância do boletim de ocorrência. Quando sabemos de um caso de roubo, eu mesmo faço contato com o produtor, converso, explico a necessidade de registrar a queixa e coloca-

CRESCENTE AUMENTO NO NÚMERO DE ROUBOS E FURTOS NA ZONA RURAL PREOCUPA PRODUTORES, ENTIDADES LIGADAS AO AGRO E O GOVERNO DO ESTADO



Jarbas: campanha de conscientização junto aos associados para emissão do boletim de ocorrência

mos o sindicato à disposição para fazer o boletim on-line. Muitos vêm fazer, enquanto outros dizem que não vai dar em nada e não fazem mesmo”, explica Jarbas Alexandre Nicoli Filho, presidente do Sindicato Rural de Jaguaré.

Essa também é a orientação passada aos produtores pela diretoria da Associação Agricultura Forte. “A polícia precisa de dados para atuar de forma estratégica. Por isso, sempre orientamos os produtores a fazerem o registro do boletim de ocorrência detalhando o ocorrido, mes-

mo nos casos pequenos, e a usar o 181 para denúncias de forma anônima. Assim, auxiliamos numa atuação mais eficiente da polícia”, ressalta o presidente da entidade.

MUITOS MÁESTROS, RESULTADOS RÁPIDOS

As ações a favor da segurança no campo precisam ser orquestradas e sob muitas batutas. Tanto que a primeira reunião do comitê foi multi-

disciplinar. Foram debatidas as propostas apresentadas ao governador e que podem balizar as estratégias a curto e médio prazo. A curto prazo, a proposta é o aumento do patrulhamento rural.

“O governo sinalizou de forma positiva interesse em aumentar a escala de policiais, o que minimizaria a falta de efetivo. Ao mesmo tempo, sugerimos que delegacias busquem estagiários de Direito. Esses estudantes poderiam fazer o trabalho cartorial que hoje é feito por investigadores. Dessa forma, esses agentes que antes ficavam presos nas delegacias poderão sair para a parte investigativa”, salienta Mendes, ressaltando, ainda, a necessidade de que alguns desses policiais tenham prioridade nas investigações de crimes rurais.

O presidente da Faes, Julio Rocha, destaca que um dos objetivos do plano é resgatar a sensação de segurança e coibir a criminalidade. Mas para isso é preciso a participação efetiva da sociedade, combatendo a recepção de produtos roubados. “Queremos com esse planejamento resgatar a sensação de segurança no meio rural e coibir os delitos de furtos e roubos. Porém, o êxito desse planejamento vai depender do envolvimento de toda a sociedade, por exemplo, combatendo o crime de receptação de produtos de roubo e, sistematicamente, os receptores”, afirma Rocha.

Nesse sentido, uma ação coordenada entre as secretarias de Segurança e Saúde, além do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) trabalharia justamente esse eixo: o do re-

ceptador. Isso porque alimentos roubados vão além da esfera criminal e entram na preocupação da saúde pública. Um exemplo é a carne. Toda proteína entregue aos consumidores passa por um rígido controle, que identifica uma série de doenças que podem gerar mal a quem ingere.

“Se há problemas numa cadeia de compra e venda organizada, o gado é descartado. Mas no mercado paralelo, não há esse controle. Os consumidores correm o risco de saúde por causa de zoonoses, como a brucelose. Por isso, há um trabalho intenso, especialmente do Idaf, para identificar esses receptadores”, explica Mendes.

DELEGACIA DOS CRIMES RURAIS

Um outro tema abordado no documento entregue ao governo e que impulsionou a formação do comitê é a criação de uma delegacia especializada em crimes rurais. Com os investigadores livres para ir a campo e alguns deles priorizando a busca por autores de crimes nas propriedades, os inquéritos seriam

remetidos para uma delegacia especializada e para dar seguimento ao inquérito. Ainda na área da segurança, Wesley Mendes diz que foi solicitado que a patrulha rural possa ser conduzida o ano inteiro, e não apenas entre março e novembro.

“O patrulhamento rural não é uma rotina estabelecida e segue a demanda da zona urbana. No verão, há reforço de policiamento no litoral. Então, por que o rural tem que ficar desprotegido nesse período? Sabemos que há uma logística e necessidade diferentes. Vamos pegar Cachoeiro como exemplo. Cerca de 80% da população vive em 20% do território. Os demais 20% ocupam 80% do território. Ou seja, a demanda é diferente e a segurança acaba reinando na zona rural”.

Uma das soluções já apresentadas é a ampliação da Operação Colheita, que nos últimos anos ocorria de maio a novembro. “Na primeira reunião do comitê, foi deliberada a possibilidade de ampliarmos a operação para o ano todo. Estamos fazendo esse planejamento”, explica o subsecretário de Integração Institucional da Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), Coronel Celante.

“A secretaria estará sempre de portas abertas para receber aqueles que conhecem a realidade de onde moram. Não há como planejarmos um emprego maior de efetivo sem que pessoas da região participem da discussão. Além disso, orientamos a todos acionar o 181 para denúncias. É importante e tudo ocorre em total sigilo”, conclui.

Comitiva do Espírito Santo em visita ao Distrito Federal



EXPERIÊNCIAS QUE DERAM CERTO BRASIL AFORA

A secretária Executiva da Associação Agricultura Forte, Fernanda Permanhane, reconhece ser a segurança no campo um problema complexo, que exige recursos e inteligência estratégica para sua solução. Porém, alguns bons exemplos Brasil afora mostram ser possível, se não resolver, pelo menos minimizar o problema. “Temos casos bem sucedidos como de Goiás e Rondônia, que adotaram o patrulhamento rural georreferenciado e instalaram um centro de comando e controle rural, aumentando a comunicação direta com os produtores, utilizando GPS nas viaturas, mapeando e identificando as estradas rurais. Os Estados reduziram expressivamente o índice de roubos e furtos nessas localidades. Bons exemplos que poderiam ser adotados no Espírito Santo”.

Os furtos e roubos de cabeças de gado, equipamentos e insumos tiravam o sono dos pecuaristas goianos. O problema foi minimizado após uma parceria entre os produtores rurais e a Polícia Militar. Batizado de Batalhão Rural, o esquema conseguiu reduzir em 50% os roubos nas fazendas.

O programa aproxima as forças de segurança do produtor, faz um cadastro da propriedade e coloca à disposição do homem do campo toda estrutura logística na viatura de atendimento. Quando o produtor é cadastrado no programa, a marca do gado entra no sistema. Isso também é feito com o maquinário. Depois, é traçada a melhor rota para a viatura chegar ao local e o produtor entra em um grupo de WhatsApp ou Telegram para trocar informações com policiais e outros produtores.

Outro exemplo é o Guardião Rural, do Distrito Federal. O programa leva segurança a áreas acessadas por estradas de terra e que, muitas vezes, apresentam

sinal de celular precário. Em meados do ano passado, cerca de 400 propriedades rurais eram atendidas por uma tropa de 150 homens e três companhias, responsáveis pela segurança na zona rural de 12 municípios no Distrito Federal.

Além da aproximação direta dos policiais e moradores, um aplicativo foi desenvolvido especialmente para a região. Por meio dele, a comunidade pode trocar mensagens e, em contato com o batalhão, enviar a localização da propriedade, caso necessário.

O presidente da recém-criada Federação Estadual dos Conselhos Comunitários de Segurança Pública do Espírito Santo, Márcio Correia, esteve no DF, em novembro passado, juntamente com policiais capixabas, para conhecer de perto o projeto e, assim, replicar no Estado.

“O Programa no DF funciona muito bem e vimos que podemos aplicar aqui. A ideia é muito interessante, pois o produtor rural é orientado a cuidar melhor da sua segurança patrimonial com visitas dos policiais às propriedades, orientando e cadastrando tudo que tem na fazenda, desde os funcionários até o maquinário. Já estamos tendo reuniões com a PM de Linhares para execução de um projeto piloto em uma



Correia: "O Programa no DF funciona muito bem e vimos que podemos aplicar aqui"

determinada região já na próxima colheita do café”.

Para Correia, é necessário o apoio dos produtores rurais na segurança da sua propriedade. “O produtor rural precisa

se conscientizar de que ele é papel fundamental para contribuir com sua própria segurança. É fácil encontrar propriedades rurais onde a residência do produtor ou o galpão onde armazena seus

produtos não possuem alarme, cercado, cachorros, câmeras de segurança, entre outros recursos. É preciso entender que esse fator dissuasório faz com que o inimigo (no caso o ladrão) pense duas vezes antes de tentar invadir a sua casa ou propriedade”, salienta o presidente.

ADILSON PEREIRA CÓRREGO GRANDE, SÃO MATEUS

“Nos últimos quatro ou cinco anos já fui assaltado três vezes. Na última, em novembro passado, por volta das 17h, dois funcionários da propriedade sofreram assalto à mão armada. Eles foram amarrados, e os bandidos levaram pimenta, máquinas e ferramentas, um prejuízo de cerca de R\$ 55 mil. Infelizmente, estamos nas mãos dos bandidos. Estou terminando um galpão, um investimento de cerca de R\$ 350 mil, e não tenho o direito de guardar minhas coisas na minha propriedade. Fiz boletim todas as vezes, mas sempre falam a mesma coisa: só vem se tiver algo suspeito”.



**PEDRO NOLASCO
FILHO - RODOVIA
PINHEIROS A BOA
ESPERANÇA, KM 2**

“Já tive quatro bombas de irrigação roubadas. Em janeiro deste ano, os alvos foram placa solar, chave de automação e fios de cobre. Estamos em meados de fevereiro e ainda estou com parte da propriedade sem energia. Já gastei cerca de R\$ 30 mil para repor o que foi levado. Estou sofrendo até agora e ninguém toma providências. É triste, você chega para trabalhar e encontra tudo saqueado, estou muito desanimado. Boletim fazemos, mas não resolve nada, fica sempre por isso mesmo, não sei mais a quem apelar, ninguém faz nada”.

**FRANCISCO MARTINS
DIRETOR DO SINDICATO
RURAL DE PINHEIROS**

“Já tivemos casos de invasão de casa, de criminoso bater no morador e roubar, mas com menos frequência. O problema hoje em Pinheiros, que mais afeta os produtores, são os assaltos aos cabos de cobre. Criminosos retiram para vender. Antes, queimavam na própria propriedade, agora arrastam os cabos, placa solar, derrubam o transformador do poste e jogam no chão para roubar os fios. Estão abusados, pois estão quebrando até piso de concreto para roubar os fios de cobre. Já fizemos várias reuniões, recentemente fizemos uma live com os secretários de Segurança e de Agricultura, presidentes de federações, associações e sindicatos e outras várias autoridades, só que isso está muito no papel. Na prática mesmo, de ações, estamos vendendo pouca coisa e essa é nossa grande preocupação”.



Produtores fazem primeira colheita de soja do ES

**PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE, PRODUTORES
E EMPRESA PRIVADA JÁ TESTOU 27 VARIEDADES
E VISA FORTALECER PRODUÇÃO NO INVERNO**

ROSIMERI RONQUETTI
safraes@gmail.com

A Fazenda São Jorge, no Córrego Estivado, zona rural de Jaguaré, foi o local escolhido para o plantio pioneiro de soja no Espírito Santo. O projeto, que teve início no ano passado, é uma parceria entre a Universidade

Federal de Viçosa (UFV) produtores rurais e uma empresa privada de Goiás.

O primeiro plantio, feito em julho, começou a ser colhido no final de novembro e rendeu cerca de cinquenta toneladas. Toda produção está sendo beneficiada na própria fazenda, em um antigo depósito de café reformado e equipado para este fim.

Segundo o engenheiro agrônomo, doutor em Genética e Melhoramento, e responsável técnico do projeto, Newton

Piovesan, a soja plantada em Jaguaré tem duas destinações. “Produção de semente para a empresa parceira de Goiás, que encomendou sojas especiais, convencionais e com alta proteína, e para alimentação humana, que tem como compradora certa uma empresa de São Paulo”, revela.

A área total do cultivo é de 100 hectares, 60 deles já plantados, de maneira gradativa. O especialista fala do cultivo da soja em solo capixaba. “Tivemos a necessidade

de modificar materiais que desenvolvemos na Universidade, com agricultores parceiros. Existe uma limitação em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, que não permitem o plantio no inverno, por conta do vazio sanitário.

Como sou do Espírito Santo e conheço a região, surgiu a oportunidade de fazer aqui. Estamos iniciando esse trabalho de pesquisa, e a ideia é fortalecer e produzir soja no inverno”, explica Newton.

Quanto à adaptação da soja no Estado, o pesquisador diz que existem mais de mil espécies da planta, basta fazer a seleção. “Existem variedades que se adaptam aqui. Cultivo de grãos normais, materiais transgênicos, basta fazer seleção. Tem sojas para qualquer latitude e altitude, só aqui estamos testando vinte e sete tipos”.

CURIOSIDADE

A plantação de soja vem causando espanto em quem passa por Córrego do Estiádo ou fica sabendo da novidade. Funcionária da fazenda, Iolanda Nascimento Emiliaño diz que as pessoas, no primeiro momento, pensam se tratar de uma roça de feijão.

“Todo mundo que vê, e não sabe que é soja, acha que é feijão. Quando a gente fala que é soja, aí se espantam e perguntam: ‘soja aqui?’ Ficam admiradas, querendo ver de perto. Quando alguém pede informação na redondeza sobre a fazenda, as pessoas já falam, é na ‘fazenda de soja?’ Já estamos sendo conhecidos assim, ‘o pessoal que planta soja’”, conta Iolanda.

**FUNCIONÁRIA DA FAZENDA,
IOLANDA NASCIMENTO
EMILIANO DIZ QUE AS PESSOAS,
NO PRIMEIRO MOMENTO,
PENSAM SE TRATAR DE
UMA ROÇA DE FEIJÃO**



FAZENDA DE SÃO MATEUS É A
ÚNICA PRODUTORA NO ES DE
BAUNILHA, SEGUNDA ESPECIARIA
MAIS CARA DO MUNDO

Especiaria de luxo em terra capixaba

_ROSIMERI RONQUETTI _safraes@gmail.com

Localizada em Nestor Gomes, interior de São Mateus, no Norte capixaba, a fazenda Cachoeira do Cravo é a única produtora de baunilha do Espírito Santo e uma das poucas no Brasil. São 400 pés da espécie *Vanilla Planifolia*, única orquídea a produzir frutos comestíveis e que contêm diversos compostos aromáticos.

Em uma viagem ao Taiti, em 2014, o casal Ana Lúcia e Cláudio Antônio Coser, proprietários da fazenda, viram pela primeira vez uma plantação de baunilha. Para eles, além da surpresa com o plantio em si, foi ver que ao lado dela havia uma plantação de pimenta-do-reino, cultura já existente na propriedade em São Mateus.

De volta ao Brasil pediram ajuda de um amigo orquidólogo para auxiliar com as mudas de baunilha e, em 2016, implementaram a ideia com 50 pés da espécie. Em 2021, foi feita a segunda colheita das favas e, pela primeira vez, fizeram a cura da baunilha para comercialização.

“Viajamos ao Taiti para comemorar trinta anos de casados, quando vimos pela primeira vez uma plantação de baunilha ao lado da pimenta do reino. Pesquisamos, arriscamos e tivemos muita paciência até elas ficarem como queríamos”, conta o produtor.

Ainda muito precoce e em fase de testes, o casal prefere não falar em quantidades de produção e comercialização, mas já planejam aumentar o plantio. “Estamos no início

de um projeto, ainda nos estruturando e com planos de ter mais viveiros e de aperfeiçoar todos os processos pelos quais a fava de baunilha precisa passar para ficar pronta para consumo”, revela Cláudio.

Vale ressaltar que a baunilha, devido à mão-de-obra necessária na produção das vagens, é a segunda especiaria mais cara do mundo, só perde para o açafrão. Em 2018, o quilo ficou ligeiramente mais caro que o da prata, atingindo, na época, um pico de US\$ 600, cerca de R\$ 2.400.

_POUCA INFORMAÇÃO FAZ DO CULTIVO UM DESAFIO

No Brasil, poucas pessoas já viram uma planta de baunilha, apesar de muitos estarem familiarizados com substâncias similares, como as essências muito usadas na culinária e na perfumaria. Existem cerca de 100 espécies de baunilha, porém, o país tem pouca tradição no cultivo da planta. A maioria das plantações brasileiras é pequena, fazendo a produção ser considerada incipiente.

Pedro Yoshinaga, biólogo da Universidade de São Paulo (USP), diz que o cultivo no Brasil é raro e que essa foi a primeira vez que teve contato com a planta. “Não acompanhei nenhuma outra implantação dessa cultura em outro lugar. Pelo que eu saiba, existe cultivo comercial, mas coisa bem pequena, no Estado da Bahia, fazendas com mil pés, nada que tenha um volume significativo”, destaca o especialista.

Apesar da adaptação ao clima ser muito boa, Yoshinaga diz que alguns problemas são difíceis de resolver por falta de estudos sobre plantios de baunilha no país. O principal desafio é a falta de informação sobre o plantio/cura em português.

“A adaptação das plantas ao clima quente e úmido, na maior parte do tempo, é boa. No entanto, não é fácil de cultivar devido à falta de informação. Os estudos que temos, documentação, dados, uma boa base científica, não são para plantações no Brasil”, pontua o biólogo.

Itens importantes em qualquer cultivo, na baunilha se tornam um desafio,





segundo Pedro. “Controle de praga, clima específico, ventilação, calor, época de chuvas, a gente tem que ir descobrindo. O controle de praga, por exemplo, as daqui não foram estudadas. Os estudos que temos são para plantações em outras regiões. As pragas específicas daqui são quase impossíveis de combater com métodos convencionais. Não temos nenhum produto ou estudo, temos que combater com base no que sabemos de outros tratamentos”.

Com todas as informações em inglês, o preparo da mão de obra para a lavoura também fica prejudicado. A mão de obra pode se tornar manejável caso haja alguém capacitado para realizar pesquisas e acompanhar as etapas do plantio. “A dificuldade para obter informação prejudica o aprendizado, e a falta de estudos em português dificulta ainda mais o acesso às informações de como plantar/curar baunilha para brasileiros que não falam inglês”, destaca o produtor Cláudio Coser.

O cultivo deve ser feito em local sombreado, e os pés da planta são fixados em estacas, como no cultivo da pimenta. “Por ser uma planta que não pode ser exposta ao sol diretamente, o plantio deve ocorrer em local com cobertura que deixa passar apenas 50% do sol. Na natureza, ela fica em meio às árvores que se encarregam de fazer sombra”, ressalta Pedro Yoshinaga.

Para produzir baunilha é preciso manter a planta em umidade alta o tempo todo, por isso necessita de irrigação.

PROCESSO DE POLINIZAÇÃO E CURA DAS FAVAS

Para que as favas da baunilha aconteçam, o biólogo da USP explica que é realizada uma técnica de polinização manual das flores que se abrem pela manhã. Isso torna possível a formação das favas, que maturam acumulando vanilina, substância que dá o aroma, por um período de aproximadamente nove meses. Quando maduras, são colhidas uma a uma e passam por algumas etapas para secar e curar, o que leva por volta de três a seis meses.

"Para conseguirmos vender uma safra de dez mil favas são necessárias dez mil polinizações manuais de flores. Depois de maduras, essas favas são colhidas individualmente e passam pelas etapas de cura e seca-gem. Ou seja, é necessária uma grande quantidade de

trabalho manual para que haja uma colheita produtiva e de alta qualidade", esclarece Cláudio.

De acordo com Pedro, apesar de trabalhoso, o processo de cura das favas não muda muito nas diferentes regiões do mundo. "O processo de cura é trabalhoso, porém, os estudos relacionados a esse processo são mais fáceis de se obter. É a área que se tem mais estudos".

O biólogo explica que quando a fava está verde não tem cheiro, nem essência de baunilha. O beneficiamento começa com as favas sendo escaldadas em água quente, o que dá início à formação do aroma na planta, intensificado à medida em que ocorre o processo de cura. Uma armazenagem de seis meses acentua o sabor e o aroma.

CURIOSIDADES SOBRE A BAUNILHA

A baunilha é uma orquídea trepadeira que pode atingir até

10 metros de comprimento, cujos frutos são vagens de 10 a 25 cm de comprimento e 5 a 15 cm de diâmetro é também a mais conhecida e comercializada no mundo todo.

O maior produtor do mundo é Madagascar, seguido da Indonésia. Apesar de muito presente na culinária de povos europeus, a baunilha tem origem no México e em alguns países da América Central. Os povos nativos das Américas a utilizavam na culinária desde antes da chegada dos europeus.

Os europeus tentaram produzir favas de baunilha em suas colônias, fora das Américas, porém, não conseguiam obter frutos, já que não havia os insetos polinizadores que realizavam essa função. A produção só se tornou possível por volta de 300 anos depois da descoberta da iguaria.

O MAIOR PRODUTOR DO MUNDO É MADAGASCAR, SEGUIDO DA INDONÉSIA. APESAR DE MUITO PRESENTE NA CULINÁRIA DE POVOS EUROPEUS, A BAUNILHA TEM ORIGEM NO MÉXICO E EM ALGUNS PAÍSES DA AMÉRICA CENTRAL



Apesar da boa adaptação, Yoshinaga diz que o principal desafio é a falta de estudos sobre baunilha no país



É Panc! O passado pode ter a chave do futuro

ALIMENTOS QUE ERAM COMUNS NAS MESAS DA FAMÍLIA SUMIRAM DO MERCADO. MAS O ALTO TEOR NUTRICIONAL TEM TRAZIDO DE VOLTA AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO-CONVENCIONAIS AOS PRATOS

FERNANDA ZANDONADI
safraes@gmail.com

Tomatinho do mato, serralha, ora-pro-nóbis, amora-silvestre, pitanga preta, peixinho da horta, azedinha. Essas plantas já estiveram nos pratos dos brasileiros, mas foram rebaixadas

à categoria de ervas-daninha por um tempo. Hoje, no entanto, foram novamente elevadas ao posto de alimentos. Batizadas de Pancs, ou plantas alimentícias não convencionais, são alimentos riquíssimos, e que podem fazer a diferença nutricional nos pratos dos brasileiros.

Para dar uma ideia da pobreza nutricional dos nossos pratos atualmente, somente vinte espécies vegetais fornecem 90% do alimento hu-

mano do planeta, sendo que apenas três delas — trigo, milho e arroz — fornecem mais da metade, segundo o biólogo Edward Wilson, da Universidade da Harvard. Um desperdício de novos sabores e repositórios de vitaminas. E não é por falta de diversidade. Calcula-se que há mais de 10 mil espécies nativas no Brasil e que poderiam ser consumidas. Para muitos, elas são ilustres desconhecidas. Mas isso está mudando aos poucos.



“Esses alimentos foram redescobertos por chefs de cozinha e ganharam um ar mais nobre. Muitos buscam inovações e as Pancs estão sendo revisitadas e valorizadas em vários pratos, com roupagem mais bonita e receitas mais sofisticadas”, explica a bióloga do Incaper, Fabiana Ruas.

Ela completa: “é importante a retomada desses alimentos. Em função da pandemia, voltamos



A PITANGA PRETA É CONSIDERADA UMA PANCA, HOJE EM DIA, ESTÁ SENDO RESGATADA

a ter contato com a natureza e rever costumes que nossas avós tinham na roça, de usar essas plantas no dia

a dia da alimentação da família. E as pesquisas mostram que são alimentos riquíssimos e nossas avós tinham razão em colocá-los nos pratos”.

MOQUEÇA CAPIXABÍSSIMA

As Pancs fazem parte da história individual e coletiva. A tradicional moqueca capixaba levava uma Panc em sua receita. Originalmente, conta a bióloga, as comunidades ribeirinhas utilizavam o tomatinho selvagem para fazer o delicioso molho que abraçava os peixes. “O tomatinho do mato não é o cereja, que já foi melhorado geneticamente. Mas aquele tomatinho que crescia sozinho no meio do mato. Com o passar do tempo, ele foi largado de lado por ter muita acidez”, explica a pesquisadora.

A plantinha que nascia em qualquer cantinho da horta sem precisar ser semeado, hoje, é raridade. “É muito difícil de encontrar. Eu andei em Jaguaré e encontrei o tomatinho selvagem sem melhoramento genético. Mas não foi fácil”, conta.

De forma simples, na agricultura, o melhoramento genético é utilizado para desenvolver plantas com características agronômicas desejáveis. E essa seleção, necessária para gerar produtividade, infelizmente fez muitas das variedades originais desaparecerem do mapa. “E, daí, não tem como voltar ao original. Com o tomate aconteceu isso. Mas estamos voltando e tentando encontrar o tomatinho que originou o tomate graúdo que temos hoje”.

ARAÇÁ DA INFÂNCIA

Se falar sobre o tomatinho do mato já traz saudade aos corações mais nostálgicos, imagina falar do araçá-boi, do araçá selvagem, da amora silvestre, da pitanga preta. Essas frutinhas, disputadas pelas crianças na hora da brincadeira na roça, hoje pouco são vistas pelas beiras das estradas de chão.

**AS PANCS ESTÃO SENDO REVISITADAS
E VALORIZADAS NA GASTRONOMIA, COM ROUPAGEM
MAIS BONITA E RECEITAS MAIS SOFISTICADAS**

“O araçá-boi é muito difícil de encontrar. O selvagem, por outro lado, era muito usado como remédio para diarreia. Então ele foi preservado, especialmente nas pastorais da saúde”, conta a bióloga.

COMIDA PARA AS TROPAS

E a história capixaba se entrelaça com as Pancs. No Espírito Santo, os tropeiros foram responsáveis por disseminar o que hoje é considerada uma planta não convencional. “As castanhas de sapucaia eram usadas como alimentos e até como moeda de troca pelos tropeiros. É uma castanha que dura muito tempo, pois a casca protege a polpa. Eles colhiam nos percursos e trocavam por outras mercadorias. Era ingerida in natura, mas também torrada, como são as nozes e as castanhas, e usada em doces. Uma castanha muito rica e que sacia a fome”.

Citar todas as pancas é tarefa árdua. É uma diversidade absurda de plantas que necessitam de pouca atenção no cultivo mas podem oferecer muito ao ser humano. Alimentos multifuncionais que, por suas propriedades nutricionais e farmacológicas, ganharam,

no passado, status de remédio. Mas foram esquecidos.

“Crianças e adolescentes têm dificuldade em comer esses produtos, mas podemos fazer as folhas e as sementes torradas e inserir essa farinha em alimentos e sucos. Um bom exemplo é o capim-limão, que adicionado aos sucos deixa a bebida refrescante e rica. Há uma infinidade de usos para essas plantas”.

—O QUE FALTA?

Mas, o que falta para trazermos de volta às mesas esses alimentos ricos e funcionais? “O crescimento da produção acontece quando empresas e instituições se interessam. Ligado a um projeto, pode surgir um restaurante, que fomenta o uso e isso pode virar uma cultura agrícola. Mas, se não existir o incentivo das empresas, órgãos ou instituições, o risco é de as plantas ficarem à margem e serem usadas apenas por pequenos grupos que buscam uma alimentação mais saudável”.

Mas nos últimos dez anos houve uma mudança nesse cenário, conta Fabiana. Algumas Pancs podem ser encontradas nas feiras, em quilômetros e até mesmo em alguns supermercados. “Há feixes de ingá nas feiras. Ele não tinha valor antigamente. Era uma planta de beira de rio. E hoje a gente já encontra para comprar. São poucos os produtores, mas alguns levam para as feiras e o consumidor aprova. Para o produtor cultivar não é complicado, ele planta o que dá mercado. Mas ainda falta incentivo”, conclui.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL COMO ALTERNATIVA DE OTIMIZAR RECURSOS DISPONÍVEIS

A invasão russa à Ucrânia deve gerar impactos na economia mundial. No Brasil, um dos setores afetados é o do agronegócio, pois o país é o quarto maior consumidor de fertilizantes do mundo e importa cerca de 85% dos insumos que utiliza.

A capacidade de importar fertilizantes do Leste Europeu e insumos agrícolas deve ficar comprometida com a invasão russa às terras ucranianas. Atualmente, estes itens estão no topo da lista de produtos importados pelo Brasil.

Com isso tudo, as incertezas pairam sobre o campo dos produtores rurais e também na ponta, aos consumidores. São gargalos que já vinham atingindo o setor em razão da elevação do custo de produção.

“Quando se compara a elevação de custos dos insumos, também piorou para quem produz. Mais do que nunca teremos que utilizar sistemas inteligentes, união de todos os atores e protagonistas para atender as necessidades dos produtores, usar tecnologia de precisão e alcançar produzir mais com menos. O desafio de sempre”, destacou o presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Espírito Santo (FAES), Júlio Rocha.

E muito antes da crise internacional da invasão russa às terras ucranianas, uma alternativa que hoje já alcança mais de 1.400 propriedades rurais no Espírito Santo, tem sido um importante auxílio aos produtores capixabas

no que diz respeito à gestão dos custos de produção, visando o alcance de lucro e rentabilidade. É a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG, do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo (Senar-ES), que já está em 63 municípios, atendendo produtores de café, leite, pimentão-reino, cacau, fruticultura e também agroindústria.

Rocha destaca que a assistência, que já era extremamente necessária, tem sido cada vez mais ampliada para capacitar os produtores rurais e que assim eles possam otimizar os recursos que estão ao alcance deles. “São ações muito bem pensadas, que já eram desenvolvidas, como por exemplo as adubações, que são indispensáveis para o alcance da produtividade, e terão continuidade de maneira mais racional e dentro da conveniência técnica, adotando tecnologia de precisão, para tirar o melhor resultado possível. Outros exemplos temos na análise de solo, espaçamentos de adubações e todos os fatores de equilíbrio ambiental como construção de curva de nível, construção de caixas secas para evitar erosão e alimentar lençol freático, tudo feito de forma eficiente e melhor acompanhado”.

A superintendente do Senar-ES, Letícia Simões, explica que existe uma condição de mercado que está fazendo com que cada vez mais todos os elos sejam espremidos, e ficando mais difícil de se produzir.

“Por isso há uma preocupação de uma possível escassez de produtos e aumento de preços nas gôndolas dos



FEDERAÇÃO E SENAR-ES DESTACAM COMO PRODUTORES ASSISTIDOS PODEM UTILIZAR TÉCNICAS SUSTENTÁVEIS E FICAREM MENOS REFÉNS DOS FERTILIZANTES

supermercados, padarias e comércio em geral. O que reflete para o consumidor e também ao produtor rural. Ao mesmo tempo há um trabalho sendo desenvolvido em esfera federal, com várias medidas sendo tomadas no âmbito governamental, regional e local. Por isso, nosso Sistema tem levado outras alternativas por meio da assistência técnica, em que o aprimoramento dos conhecimentos técnicos e gerenciais possam dar suporte aos produtores com novas alternativas, utilizando técnicas sustentáveis e viabilizando seu negócio rural. Para que a produção não fique tão refém dos fertilizantes, demandando menos”, disse Letícia.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL

Para conhecer mais sobre a assistência técnica oferecida pelo Senar-ES acesse o site www.senar-es.org.br ou procure o Sindicato Rural de seu município. Mais informações também pelo telefone (27) 3185-9218.

CAFE/CULTURA

Substituição de áreas de pasto e eucalipto por arábica colocam Iúna no topo do ranking estadual

ESSA É A PRINCIPAL RAZÃO PARA O CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE DAS LAVOURAS DO MUNICÍPIO QUE É O MAIOR PRODUTOR ESTADUAL

ROSIMERI RONQUETTI
safraes@gmail.com

“Capital do Caparaó” e por que não do café arábica capixaba? Com uma economia baseada na agricultura, Iúna, na região Sul, ostenta desde 2019 o título de maior produtor de arábica do Espírito Santo. É o que apontam

os dados referentes ao ano de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O município é também o nono produtor da espécie cafeeira do Brasil.

Em 2018, Iúna ocupava o posto de segundo maior produtor, com 10,83% da produção do Estado, atrás apenas de Brejetuba, com 13,27%. No ano seguinte, alcançou o primeiríssimo lugar, com 11,04% da produção, e em 2020 manteve a colo-

cação com 13,57% de todo café produzido no Estado.

Além de todos os investimentos em tecnologia, renovação de lavouras e plantio de novas variedades nos últimos anos, o secretário de Agricultura de Iúna, João Marcos Gama, aponta a substituição de áreas de pastagens e de eucalipto por cafezais como principal razão para o crescimento da produtividade.

“Iúna se tornar o maior produtor de café arábica do

Área onde antes era pasto e eucalipto agora é ocupada por café



Estado é realidade devido ao uso de tecnologias por parte dos produtores, como a implantação de lavouras novas e modernas, renovação do parque cafeeiro e introdução de novas variedades mais produtivas. Portém, nos últimos anos, cerca de 20% das áreas de eucalipto e pastagem do município foram substituídas por lavouras de café”, destaca.

Neomar Vimercati, da localidade de Santa Clara, no Córrego Pedregulho, distante 34 km do centro, é um dos produtores iúnnenses que acabou com toda a área de pastagem e eucalipto (cerca de 40% de toda área produtiva da propriedade) e plantou café. Sem mão de obra para tocar toda a lavoura, Vimercati preparou o terreno, fez estradas e arrendou a área onde antes havia eucalipto e pasto para cultivo de arábica.

O cafeicultor conta que começou a fazer a troca há três anos, mas desde 2015, quando o arábica começou a subir de preço, a migração começou e não parou mais. “A partir daquele ano, quando o café deu uma arrancada no preço, os produtores começaram a migrar, tirar o eucalipto e o pasto e plantar café. Esse movimento não parou mais. Hoje, 100% do terreno é café, cerca de 70 mil pés”.

O principal motivo para a mudança, segundo o cafeicultor, é a baixa rentabilidade tanto do eucalipto quanto da pecuária na região. Ele conta que, com o gado, o retorno anual não chegava a R\$ 5 mil, enquanto com o café, a receita foi de R\$ 18 mil em 2021. “Não compensa insistir com o gado”, afirma.

Márcio José Gomes,
da Fazenda Pai Herói, no

Córrego bom Sucesso, é outro que apostou na substituição das áreas de pastagens e eucalipto pela cafeicultura. Onde antes era eucalipto (cerca de 7 hectares) hoje tem café. E na área de pastagem, de 20 ha, ele está plantando aos poucos. “O eucalipto não é viável na nossa região. O valor pago não compensa. Bagunça a propriedade e prejudica a lavoura, se estiver próximo. O leite não dá prejuízo, mas também não é rentável. Então, o café é a melhor opção, o retorno é muito melhor. Aos poucos vou plantar em toda a propriedade”, explica.

O município tem atualmente uma área aproximada de 15 mil hectares de café. Mais de 90% das propriedades são de pequenos produtores familiares.

CAFÉ DE QUALIDADE

Iúna também é destaque na qualidade do café produzido. Em 2018, o município teve grão eleito como segundo melhor café do Brasil, a oitava melhor



Segundo Gama, cerca de 20% das áreas de eucalipto e pastagem do município foram substituídas por café

colocação, em 2019, e terceiro melhor colocado em 2020 na Semana International do Café (SIC), em Belo Horizonte. Para incentivar os produtores, anualmente a prefeitura realiza o Concurso de Qualidade de Café Arábica, que está em sua 8ª edição, e oferece, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/ES) treinamentos para cafeicultores, incluindo de classificação e degustação de café. A capacitação acontece em sala de prova própria, com profissional capacitado.



Neomar Vimercati



Márcio Gomes

[o] DIVULGAÇÃO



AGRO 4.0

Tecnologia aplicada ao agro Brasil afora

Marcos Ferronato e Ana Carolina levaram a NetWord Agro ao tanque dos tubarões no Shark Tank Brasil

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
safraes@gmail.com

O Rio Innovation Week, de 13 a 16 de janeiro, no Jockey Club da capital, transformou o Rio de Janeiro em um Estado referência em inovação e empreendedorismo tecnológico. O pavilhão

“AgroRio Tech” foi um dos destaques, reunindo palestrantes, expositores, startups e investidores para discutir o que há de mais inovador no setor agrícola. A agtech capixaba “Olho do Dono” foi um dos destaques.

Com quase 2.000 m², o pavilhão “AgroRio Tech” recebeu 45 palestrantes, 20 produtores rurais e agroindústrias e 35 startups que apresentaram soluções inovadoras para o desenvolvimento do agronegócio ao longo dos quatro dias

do evento. A Pesagro, empresa vinculada à Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento (Seappa) do Rio de Janeiro, foi a promotora do espaço.

Na ocasião, foi apresentada a agricultura do futuro, que facilitará o acesso às novas tecnologias para fomentar negócios, integrar conhecimento e promover as novas ferramentas disponíveis para desenvolver a agricultura familiar e o agronegócio.

SAIBA COMO FOI O “AGRORIO TECH”, DURANTE O RIO INNOVATION WEEK, EM JANEIRO, E CONHEÇA UMA AGTECH PARANAENSE QUE BRILHOU NO EVENTO

[o] DIVULGAÇÃO/GOVERNO DO RJ



A Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento participou do evento durante os quatro dias no pavilhão AgroRio Tech

A extensa agenda conectou produtores agrícolas de diferentes segmentos e tamanhos com desenvolvedores de tecnologia capazes de revolucionar de forma responsável a utilização do campo, impulsionando o mercado agrícola brasileiro. Caso da “Olho do Dono”, que realiza pesagem de bois no pasto por imagem usando câmera 3D portátil e mantém contratos na Argentina, México e Estados Unidos.

“O Rio Innovation Week, é um evento muito importante para o agronegócio do nosso Estado e coloca a cidade no circuito de eventos internacionais de tecnologia e inovação. Poder ter contato com a tecnologia do futuro e adquirir o conhecimento no desenvolvimento das atividades rurais e da pesca é um dos objetivos desse

encontro”, destacou o secretário de Estado da Agricultura, Marcelo Queiroz.

PESAGRO

Quem visitou o espaço “AgroRio Tech” teve a oportunidade de conhecer o stand da empresa responsável pela pesquisa e produção de tecnologia para o agronegócio fluminense. Além da Pesagro, as demais vinculadas à Seappa- Emater, Fipej e Ceasa – também estiveram no local, que contou ainda com stands da Embrapa, Faerj e Banco do Brasil.

O presidente da Pesagro, Paulo Renato Marques, destaca o papel da tecnologia para o desenvolvimento das atividades rurais. “A Pesagro, enquanto empresa de pesqui-



CEO da capixaba Olho do Dono palestrou no espaço “AgroRio Tech”

sa, acredita que a tecnologia aplicada é a forma mais eficiente de promover desenvolvimento e melhoria na vida dos produtores rurais. Por isso é tão importante participar de eventos como a Rio Innovation Week, para que esse conhecimento seja levado para o maior número de pessoas e a gente colabore ativamente para o crescimento do agronegócio fluminense”, ressaltou.

Enthusiasta e grande articulador de políticas públicas ligadas à Agricultura no Estado do Rio de Janeiro, o deputado estadual e ex-prefeito de Itaperuna, Jair Bittencourt, era um dos mais empolgados na Rio Innovation Week. “Há bem pouco tempo participarmos de um evento de tecnologia com meus companheiros da Agricultura, no Jockey Club do Brasil, era algo improvável, afinal, estamos na zona sul, da zona sul, da zona sul do Rio de Janeiro. Não que não pudéssemos estar aqui, mas seria um ambiente totalmente fora da nossa realidade. E hoje não é. Aí é que está a mudança. Fazemos parte da economia do Rio de Janeiro e estamos transformando a agricultura do nosso Estado, fortalecendo o interior”.

RIO INNOVATION WEEK

Em uma área de 40 mil m², o Rio Innovation Week contou com 12 palcos simultâneos, mais de 500 palestrantes convidados, 1.000 startups e incubadoras fomentando negócios e mais de 190 expositores apresentando inovações e soluções para os setores.

O evento levou, para o mesmo espaço, diferentes segmentos do mercado que hoje utilizam a tecnologia como base para crescimento dos negócios e expansão, além de criação de novas oportunidades e cenários. Com foco em estimular o networking, ampliar o alcance e gerar novas conexões.

AGRO TAMBÉM PRESENTE NO ESPÍRITO STARTUPS CONFERENCE

A Conta Café, vencedora da primeira edição do reality show “Espírito Startups” (Folha Business), representou o agro no “Espírito Startups Conference”, no dia 22 de fevereiro, em evento on-line e presencial. A Conta Café oferece um

processo digital e simplificado de barter entre os produtores, lojistas e empresas da cadeia do agro. Operando em uma plataforma B2B, a startup fala com os lojistas e compradores/exportadores de café. A novidade impulsiona o mercado de barter no Espírito Santo e em outros Estados do Brasil.

[e] DIVULGAÇÃO



NETWORD AGRO: SOLUÇÃO INTELIGENTE PARA O AGRONEGÓCIO

A NetWord Agro é uma empresa familiar com um foco simples, mas ousado: melhorar os números do agronegócio, aliando tecnologia e conhecimento técnico, para gerar uma produção mais limpa e sustentável, garantindo ganhos para todos.

E, apesar de ter nascido só em 2014, o projeto é inspirado em uma história real que poderia ter tido um final diferente, se toda essa inovação estivesse disponível na década de 1970.

O pai do Marcos Feronato, sócio proprietário da NetWord Agro, tinha uma pequena propriedade no interior do Paraná, e ali ele e a família produziam, principalmente, milho, feijão e soja.

Depois de enfrentar três safras consecutivas ruins, o seu Ivo Feronato, viu as dívidas se acumularem e teve de vender a propriedade, abandonando a vida no campo e migrando com a família para a cidade. Essa situação nunca saiu da cabeça do Marcos.

A IDEIA

E, assim, quatro décadas depois, nasce a NetWord Agro. A solução pode-

ria ter evitado a perda das terras do seu Ivo.

Com formações voltadas ao agronegócio, Marcos e a filha Ana Carolina começaram a pensar em soluções para o homem do campo. Uma tecnologia que ajudasse a entregar redução de custos e melhores resultados de forma sustentável.

Para isso, a NetWord Agro se utiliza de duas tecnologias principais: um hardware sensor portátil de condutividade elétrica usado para medir as condições do solo antes do plantio; e os VANTs (veículos Aéreos Não Tripulados), para verificar a incidência de pragas, doenças e plantas daninhas, que são agentes causadores de danos durante o manejo da safra.

CONHEÇA A AGTECH QUE RECEBEU INVESTIMENTO MILIONÁRIO DE DOIS DOS MAiores EMPREENDEDORES DO PAÍS E ESTÁ REVOLUCIONANDO O AGRONEGÓCIO NACIONAL

[o] KÁTIA QUEDEVEZ



Marcos Ferronato apresentou o projeto no Rio Innovation Week

Tudo isso conectado a um aplicativo que apresenta os dados coletados em tempo real. Desta forma, o produtor sabe exatamente qual a condição do solo e da lavoura, que tipo de insumo está faltando e qual área precisa da aplicação de defensivos agrícolas.

“Com a nossa tecnologia, conseguimos fazer com que cada R\$ 1 pago pelo nosso cliente se transforme em R\$ 4 de rentabilidade, diminuindo custos com a lavoura, as perdas e, principalmente, gerando uma safra muito mais sustentável”, afirma Ana Carolina.

Hoje, além do monitoramento de solos e lavouras, a NetWord Agro também oferece monitoramento para pastagens e florestas plantadas. Tudo para garantir o desenvolvimento das plantas com o melhor custo-benefício.

SHARK TANK

Depois de atuar em culturas de extensão por nove safras, e monitorar mais de 150 mil hectares de área, em setembro de 2021, o Marcos e a Ana Carolina levaram a NetWord Agro ao tanque dos tubarões do Shark Tank Brasil.

Lá, após muitas negociações, pai e filha conseguiram ganhar a atenção de uma dupla de investidores: Camila Farani e José Carlos Semenza, e uma previsão de aporte financeiro de R\$ 3 milhões.

Os negócios foram concretizados em fevereiro deste ano e, agora a NetWord Agro quer realizar aquilo que o Marcos prometeu no tanque: fazer um rombão nas barreiras que estão impedindo a implantação de uma agricultura mais rentável e gerar uma produção agro mais sustentável.

PRÓXIMOS PASSOS

Mais do que apenas apresentar um produto inovador, a NetWord Agro se importa em mostrar - na prática - como esse sistema funciona. Para isso, implantou uma Smart Farm (fazenda inteligente), no Biopark em Toledo-PR.

A área de 15 hectares, funciona como uma vitrine para que o produtor possa ver como o sistema da NetWord Agro auxilia no manejo e ajuda a reduzir em até 40% o custeio da produção.

Além disso, com o apoio financeiro obtido junto aos novos investidores, a agtech vai expandir a área de atuação, levando a tecnologia e as vantagens que a NetWord Agro oferece para outras regiões do país.

“Nossa ideia é implantar oito unidades da NetWord Agro em regiões estratégicas e que são produtoras de grãos. Por exemplo, pretendemos abrir uma unidade em Santa Catarina, uma no Triângulo Mineiro, no Mato Grosso, no MATOPIBA, dentre outros lugares”, confirma Ana Carolina.

Com a ampliação da atuação, mais agricultores vão poder contar com a tecnologia da NetWord Agro para melhorar o plantio, monitorar a safra e reduzir o uso de agrotóxicos e agentes químicos utilizados nas lavouras, gerando uma produção mais limpa e sustentável.

E O 1º AZEITE

A Fazenda Vale das Oliveiras, localizada no distrito do Aracê (Domingos Martins) realizou, em fevereiro, a extração do primeiro azeite produzido no Espírito Santo, um blend das quatro variedades cultivadas na propriedade: Arbequina, Ascolano, Grappolo e Koroneiki.

*Foram colhidos 60 kg de azeitonas, quantidade mínima para a máquina extratora funcionar. Ao todo foram produzidas 11 garrafas de 250 ml, classificadas como sendo de “azeite novo” ou extra virgem não-filtrado. O azeite ainda não está disponível no mercado.

>> Já a 1ª colheita comercial do cultivo inédito de Santa Teresa ocorreu nos dias 3 e 4 de março. Toda produção, realizada em nove propriedades do município, foi levada para o distrito de Aracê, em Domingos Martins, para ser processada e transformada em azeite.

[o] DIVULGAÇÃO



[o] AGÊNCIA RESULTATE/DIVULGAÇÃO

1ª FAZENDA URBANA DO ES

Inaugurada em janeiro, a Cooltiva produz verduras hidropônicas e sem uso de agrotóxicos na Praia do Canto em Vitória. O empreendimento é uma iniciativa do casal Hanna e

Luiz Gustavo Leocádio. Ela, advogada soteropolitan, e ele, engenheiro capixaba.

*A expectativa é produzir 15 mil hortaliças por mês e fechar o ano com 300 a 400 assinaturas mensais. Os planos são para entregas semanais ou quinzenais na Grande Vitória. Os assinantes recebem, em casa, três tipos de alface e duas folhosas/temporos.

ELAS NA PESQUISA

A proporção de mulheres pesquisadoras na Ufes alcança 45% nos níveis de graduação e de pós-graduação. De 63 programas ofertados pela universidade, porém, ainda é reduzido o percentual delas em áreas como Agronomia (11,1%) e Ciências Florestais (15,8%), só para citar dois ligados ao agro.

SOBRAS 2021

Os resultados das operações do Sicoob ES, chamados de sobras brutas, alcançaram R\$ 584 milhões no fechamento de 2021. Em comparação com o exercício anterior, houve crescimento de 68%. Serão distribuídos entre os associados R\$ 226 milhões.

CONDOMÍNIO LEITEIRO

Após um ano de estruturação, a Coopeavi iniciou as pré-inscrições do novo projeto, inédito no Espírito Santo. As vendas de cotas estão previstas para o segundo semestre para os mais de 18 mil cooperados. O Condomínio fica localizado em Sooretama, no norte capixaba.



[o] JONNATHAN BERGER



[o] DIVULGAÇÃO

COOCAFÉ TOUR

Com a retomada das ações em campo pela cooperativa, o programa tem como objetivo treinar e aperfeiçoar os conhecimentos dos associados. Os encontros

ocorrem durante o ano, e os temas mudam de acordo com o ciclo da cultura agrícola ou pecuária. Até março, os cooperados receberão conteúdos sobre controle de plantas daninhas e, após, o "Coocafé Tour" terá foco na qualidade do café.

MISSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Em fevereiro, a gerente de exportação e sustentabilidade, Renata Vaz e a degustadora Júlia Partelli (foto), representaram a Coocabril na Missão Empresarial Emirados Árabes Unidos, promovida pelo projeto Agro-BR (CNA) em parceria com a Apex-Brasil. Elas foram compreender como funciona a exportação no Oriente Médio, com atenção aos mercados de café e especiarias.



[o] DIVULGAÇÃO

ARÁBICA CERTIFICADO

O Sítio Pedra Roxa se tornou, em novembro, a primeira propriedade produtora de cafés especiais orgânicos de Ibitirama, na região do Caparaó. Com validade de um ano, o Certificado de Conformidade Orgânica foi concedido pelo Instituto Chão Vivo para o empresário e cafeicultor Fabrício Dall'Orto, que comemora a conquista.

CACHAÇAS PREMIADAS

As cachaças Princesa Isabel Carvalho e Princesa Isabel Amburana, produzidas em Linhares, foram premiadas no Concurso Mundial de Destilados de Bruxelas (Bélgica), com o título de "Grande Ouro" e "Ouro", respectivamente. As cachaças do Alambique Princesa Isabel passaram pelo crivo de 85 jurados internacionais especialistas em destilados.

Anuário do Agronegócio Capixaba

A PUBLICAÇÃO DA MESMA EDITORA DA “CONEXÃO SAFRA” FOI ENTREGUE EM MÃOS PARA DIVERSAS AUTORIDADES DO ESPÍRITO SANTO. CONFIRA!



A vice-governadora do Estado, Jacqueline Moraes



E o governador, Renato Casagrande



O presidente do Crea/ES, Jorge Luiz e Silva



Cláudio Denicoli, secretário de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente da Prefeitura de Serra



ACESSE E LEIA
A EDIÇÃO COMPLETA

conexaosafra.com/anuario/anuario-2021

APONTE A CÂMERA DO SEU
CELULAR PARA O QR-CODE



Suzano é reconhecida como empresa de melhor reputação do Brasil no setor de papel e celulose

A Suzano, referência global na fabricação de bioprodutos desenvolvidos a partir do cultivo de eucalipto, conquistou o primeiro lugar da categoria Madeira, Papel e Celulose no Ranking Merco Reputação de Empresas e Líderes 2021. A pesquisa anual, que chega à sua oitava edição, tem como objetivo enaltecer a Responsabilidade e Governança Corporativa das 100 empresas melhor classificadas no País.

O Ranking Merco possui uma metodologia que inclui cinco avaliações, com diferentes fontes de informação e um total de 3.865 entrevistas. Nesta edição, as análises foram realizadas entre julho e dezembro de 2021. Para compor o grupo das 100 empresas selecionadas, foram realizadas entrevistas com membros da alta direção de empresas. Além disso, são considerados os resultados econômicos e financeiros, a qualidade da oferta comercial, o talento, a ética e a responsabilidade corporativa, a dimensão internacional e a inovação das empresas.

Nesta edição, também foi divulgado o ranking dos 100 Líderes de Melhor Reputação do mercado nacional. O presidente da Suzano, Walter Schalka, figura na lista.

A Merco é uma organização espanhola reconhecida no



PELA SEGUNDA VEZ, COMPANHIA CONQUISTOU A PRIMEIRA COLOCAÇÃO NA CATEGORIA MADEIRA, PAPEL E CELULOSE NO RANKING MERCO REPUTAÇÃO DE EMPRESAS E LÍDERES 2021

mercado ibero-americano e se tornou um dos monitores de reputação de referência em todo o mundo, atuando em países como Espanha, Colômbia, Chile, Argentina, Equador, México, Peru e Brasil.

SOBRE A SUZANO

A Suzano é referência global no desenvolvimento de soluções sustentáveis e inovadoras, de origem renovável, e tem como propósito renovar a vida a partir da árvore. Maior fabricante de

celulose de eucalipto do mundo e uma das maiores produtoras de papéis da América Latina, atende mais de 2 bilhões de pessoas a partir de 11 fábricas em operação no Brasil, além da joint operation Veracel. Com 98 anos de história e uma capacidade instalada de 10,9 milhões de toneladas de celulose de mercado e 1,4 milhão de toneladas de papéis por ano, exporta para mais de 100 países. Tem sua atuação pautada na Inovabilidade – Inovação a serviço da Sustentabilidade – e nos mais elevados níveis de práticas socioambientais e de Governança Corporativa, com ações negociadas nas bolsas do Brasil e dos Estados Unidos. Para mais informações, acesse: www.suzano.com.br



50
anos
OCB/ES

Conectando
histórias

somos
COOP



Sistema**OCB/ES**